

SOBRE CRIANÇAS E ANDANÇAS:
o Jesus de Miguel Torga e os meninos Mendes Campos¹

ANDRADE, Altamir Celio de

RESUMO

O presente trabalho é uma leitura de dois contos: **Jesus**, do português Miguel Torga e **Marcha para o Oeste**, do mineiro Paulo Mendes Campos. Esta investigação não chega a ser uma análise comparativa, mas uma abordagem dos pontos aproximativos entre as duas obras literárias para melhor perceber a sua riqueza. Um dos principais interesses da leitura proposta é a verificação do simbolismo que aparece nestes contos. Assim, um diálogo entre **Teologia** e **Literatura** é pertinente, podendo resultar bastante profícuo para a pesquisa. Isso porque, nos relatos em questão, aparecem elementos que permitem um exame do seu alto teor **simbólico**, configurando-se assim, na principal via hermenêutica desta abordagem. Dentre tais elementos, destaca-se o tema da **hospitalidade**, muito caro às tradições Judaica e Cristã. Associado a este, destaca-se o símbolo, como uma das principais estradas de acesso ao interior das culturas, servindo de caminho eficaz para a empresa que é apresentada nestas linhas.

Palavras-chave: Jesus. Símbolo. Hospitalidade. Literatura. Teologia.

1 INTRODUÇÃO

O conto **Marcha para o Oeste**, de Paulo Mendes Campos, tem um pano de fundo histórico. Talvez seja uma alusão ao projeto de Getúlio Vargas para a ocupação do interior do Brasil ao redor de 1938, movimento que recebeu o mesmo nome. A mitologia ao redor do interior, com sua aura de hostilidade e rusticidade incentivou a marcha de desbravamento e transporte da brasilidade. Por outro lado, **Jesus**, de Miguel Torga, é um singelo relato de pouco menos de 600 palavras, mas que carrega uma das maiores inquietações do ser humano: a sua provisoriedade.

¹ Este trabalho é resultado das reflexões em sala de aula no Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora no segundo semestre letivo de 2015. Afina-se, também, com o Grupo de Pesquisa **Hospitalidade, alteridade e feminino**: uma transposição de soleiras, coordenado pelo autor.

Esta análise parte, ainda, da (principal) hipótese de que o conto é inspirado na Pessoa central do Cristianismo, cujo título anuncia.

Para dar conta dessa abordagem, a noção do simbólico nas culturas, bem como o conceito de hospitalidade serão fundamentais para a análise. Ajunta-se a isso a constatação e que as crianças são as protagonistas desses dois relatos, conferindo surpresas, saídas criativas e reviravoltas significativas.

Nesta empreitada, os autores Lexicon Herder, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant são fundamentais para a discussão acerca do simbolismo, do mito e da mística. No que se refere à hospitalidade, os artigos organizados por Alain Montandon permitem que o diálogo seja ampliado consideravelmente. Ainda para este conceito, as percepções de Émile Benveniste, em seu clássico **Vocabulário das instituições indo-européias** tem sempre o seu lugar de destaque.

2 METODOLOGIA

Com relação ao tipo de pesquisa pretendido neste trabalho, buscar-se-á, através de análise bibliográfica, mapear os possíveis alcances e variantes dos conceitos investigados. Assim, procurar-se-á estabelecer uma tipologia que permita uma melhor compreensão das hipóteses levantadas, sua problematicidade, alcances e desafios. Além disso, importa fazer uma individuação dos subconceitos advindos dos conceitos fundantes, tais como: casa, aconchego, criança, alteridade, religiosidade e mística.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O símbolo é da ordem daquilo que melhor aponta para o que é universal, transcultural, transfronteiriço, transladador de lugares. Com essa leitura, é possível visitar o lugar do ser humano no mundo em meio às suas angústias, alegrias e esperanças, propondo reflexões e revisões de paradigmas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o ser humano a partir das letras é dar lugar a um processo de humanização do qual o tempo presente tanto carece. Os contos analisados permitem uma incursão pelo vasto universo da pessoa que sente, deseja, se

angustia e busca saídas para seus anseios. A partir das visadas de Miguel Torga e Paulo Mendes Campos, pode-se vislumbrar tal horizonte, haurindo dele não somente um gozo estético, mas uma profunda reflexão sobre a pessoa humana e sua identidade no mundo.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-européias**. Vol. I. Trad. Denise Bottmann. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

CAMPOS, Paulo Mendes. Marcha para o Oeste. In: VV.AA. **Contos Mineiros**. São Paulo: Ática, 1984. p. 109-111.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. Trad. Christine Röhrigh. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. 15. ed. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Cultrix, 2013.

MONTANDON, Alain. **O Livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Trad. Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

TORGA, Miguel. **Bichos**. Rio de Janeiro: Record, s/d.

JOHN LANDERS: ASSASSINO, FARSANTE E HERÓI TRÁGICO.

Josiane Guedes Sales

Denise Christinne Rosa

RESUMO

A partir da análise do conto Romance Negro, de Rubem Fonseca, buscar-se-á apontar a trajetória de John Landers enquanto personagem assassino, farsante e herói trágico, no intuito de demonstrar que "Romance Negro" não apresenta apenas um debate acerca deste gênero, desdobra-se, ainda, em outros gêneros narrativos como a farsa e a tragédia.

Palavras-chave: Farsa. Tragédia. Herói trágico.

ABSTRACT:

From the analysis of the work "Romance Negro", by Rubem Fonseca, will seek to point John Landers trajectory as a killer character, fake and tragic hero, in order to demonstrate that "Romance Negro" not only presents a discussion about this gender, also unfolds in other narrative genres such as tragedy and farse.

Key-Words: Farse. Tragedy. Tragic Hero.

1 INTRODUÇÃO

Na antiguidade clássica, o centro dos espetáculos teatrais girava em torno do destino infeliz do herói, tema comum a maior parte das narrativas e das sagas antigas. Nelas, ele é apresentado como um vencedor que está no auge da vida, usufruindo dos feitos das suas armas, envolto numa auréola de glória quando, de repente, vê-se vítima de uma alteração brusca do destino. Um acontecimento terrível, sufoca as suas alegrias, conduzindo-o à desgraça, arremessando-o ao mundo das sombras.

Assim é, por exemplo, a lenda de Édipo, em que um oráculo prediz aos

soberanos de Tebas, Laio e Jocasta, que seu filho mataria o pai e se casaria com sua mãe. Édipo foi abandonado ao nascer, sendo encontrado e criado pelos soberanos de Corinto, Pólipo e Mérope, os quais o criaram como filho. Sabendo da profecia, Édipo deixa Corinto e seus supostos pais, tentando, assim, escapar do seu destino. No caminho, encontra seu verdadeiro pai e o mata, resolve o enigma da Esfinge e entra em Tebas como vencedor e, então, une-se, sem saber, com sua mãe. Édipo casa com a mãe e comete o crime de matar o pai. Não o bastante, tem dois filhos varões e duas mulheres. Tudo ía bem quando o mundo parecia desabar ao seu redor; afinal, no desenrolar da história, ele descobre que se casou com sua própria mãe, teve filhos, cometendo, deste modo, um crime gravíssimo.

Édipo se transforma em uma tragédia de coincidências aliada a muitas ambiguidades, até por que não se pode negar a ambiguidade e o duplo sentido que os oráculos têm.

Não diferente das tragédias gregas, temos em “Romance Negro”, conto do autor Rubem Fonseca, a presença de um herói trágico conforme o leitor irá descobrir no final da leitura do conto. A frase “somos os continuadores da tragédia grega” (FONSECA, p. 149) dita por Ellroy (um escritor que uiva como um lobo, presente em um Congresso de Literatura *Noir* em Grenoble), mesmo não estando drogado ou tendo um surto psicótico, é uma forte indicação de que estamos lendo uma tragédia.

Assim como em Édipo Rei, na história de Landers/Winner, o verdadeiro crime, o que realmente choca, aparece posteriormente à morte de uma pessoa, no caso de “Romance Negro”, na morte de seu irmão gêmeo. Então, John Landers não só tomou posse da vida do irmão ao assumir sua identidade, da fama do irmão, como também o matou cruelmente. Irmãos que foram separados ainda crianças quando entregues para a adoção pela mãe.

Landers/Winner vê tudo como uma cilada, “Foi uma cilada dos deuses, como na tragédia grega” (FONSECA, 1992, p. 154), o que a torna assim não são os deuses, mas os heróis trágicos que buscam fugir do seu destino. Como no desafio proposto por ele, na tragédia, o mistério já está desvendado desde o início, isto é, trata-se de uma fatalidade, não há de fato livre-arbítrio. Em Édipo Rei, por exemplo, já se sabe quem será o criminoso, a vítima e o crime. Essa narrativa de Fonseca lembra bem as narrativas gregas em que todos sabem o fim, exceto o herói trágico

que se surpreende com as coincidências e acredita que tem as rédeas dos acontecimentos, aproveitando momentos e se recompondo diante dos revezes.

John Landers se sente um personagem trágico, refém da própria tragédia criada por ele mesmo. Matou, tomou posse dos bens e odiou seu único irmão, seu duplo: “Eu matei meu irmão, você não está entendendo? E, o pior do que isso, eu o desprezei e odiei nos breves e únicos momentos em que estivemos juntos. (...) Não tive nem a inteligência nem a sensibilidade de perceber que ele era meu irmão.”(FONSECA, 1992, p. 186).

A associação da tragédia grega está também ligada ao verdadeiro Peter Winner. John Landers, Landers/Winner, faz uma alusão à ópera na parte em que conta os momentos finais de Winner, que, na verdade, é uma referência às tragédias em fonte secundária, uma vez que aquela se inspira nestas. Assim: “Felizmente naquele momento Winner levou as mãos à garganta e caiu no chão, tremendo convulsivamente. Como acontece nas óperas, ele somente morreu depois de cantar sua ária por inteiro.” (FONSECA, 1992, p. 164). Ária completa é dita por um bardo, por um narrador ou pelo próprio herói trágico, como um resumo da história conferindo-lhe o sentido. Este é o fim de um personagem trágico, o que resume a condenação trágica do primeiro Winner, o verdadeiro, é ter descoberto tarde demais o quanto as palavras são perigosas e, muitas vezes, traidoras.

Ao comparar o destino de cada um, por meio da afirmação acima, percebe-se: John Landers morto vivo e Peter Winner vivo morto, em diversos sentidos. O fim de John Landers que não consegue abandonar a farsa, tirar a máscara e revelar-se ao público, pois traz no bojo da sua história outro duplo que é o da sanidade e o da loucura, Landers pior do que alguém fracassado, mas que conseguira, ainda que se valendo de um assassinato e de uma farsa, “provar” seu valor, agora nem isto, ele seria apenas um delírio de Winner que inventara tudo por delírio psicológico.

2 METODOLOGIA

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

No conto em questão, contatou-se que a aproximação entre a tragédia grega e a narrativa policial foi além desses aspectos mais superficiais, definindo o

problema que envolve o personagem principal e direcionando o enredo. Como Édipo Rei, Peter Winner foi, ao cabo e ao fim, o próprio enigma a ser decifrado. Se na tragédia de Sófocles a grande pergunta foi quem matou Laios, em “Romance Negro” a pergunta em questão foi: quem, afinal, é Winner?

No conto, ao citar Édipo Rei, considerada a tragédia grega por excelência, Rubem Fonseca atualiza um dos temas prediletos do gênero, a questão da identidade, apontando para a distância que separa o mundo moderno do mundo que viu nascer o homem trágico.

Constituiu-se, assim, na última parte do conto, a tragédia grega confirmada pelo título “Cilada dos Deuses”. O fato de John Landers ter matado seu próprio irmão também se refere ao duplo posto que é a síntese da dialética de outros segredos. Na tragédia anunciada, o destino se revelou no começo a todos menos às vítimas, no caso, no duplo de os gêmeos serem separados e adotados.

4 CONCLUSÃO

Como os heróis da tragédia grega, Landers caiu nas armadilhas de suas próprias palavras e de suas ambições, tornando-se prisioneiro de um jogo do qual imaginava ser o senhor.

Embora o conto se refira a dois irmãos que, como vimos, têm suas vidas igualmente trágicas, o fio condutor do conto gira em torno do que o destino reservou: John Landers mata o irmão, toma para si a sua identidade e a sua fama, mas se prende a uma história na qual será sempre preterido, desconhecido e, finalmente, morto ainda que em vida. Não são raras as narrativas trágicas que opõem irmãos como luz e sombra, só para citar algumas: Rômulo e Remo, Caim e Abel, Eteócles e Polinices. Interessa-nos mostrar, ainda, a transformação que o personagem John Landers passa: de assassino confesso a farsante que não consegue se desmascarar, o que demonstra, finalmente, ser seu próprio destino cíclico, fechado e, portanto, trágico.

REFERÊNCIAS

BOILEAU, Pierre; NARCEJAC, Thomas. **O romance policial**. Trad. Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/filosofia/sobre-suicidio-na-sociologia-Emile-durkhein.htm>> Acesso em: 14 FEV 2013.

BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar, 2010.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de termos literários**. Disponível em <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=778&Itemid=2> Acesso em: 24 DEZ 2012.

FONSECA, Rubem. **Romance Negro e outras histórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

JAMES, P.D. **Segredos do Romance Policial**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Três letras, 2012.

JEAN, Paul Sartre. **A imaginação**. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.

JOHN, A. **Sanford. Mal, o lado sombrio da realidade**. Trad. Sílvio José Pilon. São Paulo, editora, 1978.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MATTOS, A. C. Gomes de. **O outro lado da noite: filme noir**. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco, 2001.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é Romance Policial**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**. Ensaio sobre a Ilusão. Trad José Thomaz Brum. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Teoria da Literatura II**. Trad. Isabel Pascoal. Rio de Janeiro: Signos, 1989.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mitos e pensamentos entre os gregos**. Trad. Museu de Arqueologia e Etnologia da USP. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1973.

TRANSCULTURANDO MURILO MENDES NO ÂMBITO DA COSMOVISÃO: A LAGARTIXA SOB O OLHAR DA CARNAVALIZAÇÃO

BALLESTEROS, Fabiana Alvim.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre construções da linguagem carnavalizada presentes na obra do escritor mineiro Murilo Mendes, intitulada como: **A idade do serrote**. Discorre brevemente a influência da ótica do riso, onde o campo do sério-cômico se revela inicialmente, em um dos contos da obra citada, chamado “A lagartixa”. De forma sucinta discutiremos também, alguns aspectos importantes sobre a transculturação, no âmbito de cosmovisão, para dar suporte a esta narrativa. Este projeto tem como propósito analisar estas relações, como: o discurso carnavalizado, resgatando as tradições populares, percebidas também nas manifestações do vestuário cênico festivo e o processo de transculturação na literatura, indicado nestas construções de linguagens, buscando um ponto de interseção entre elas. Como metodologia seguem dados coletados em pesquisas realizadas no grupo de estudos apoiado pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora CES/JF, intitulado “Processos Transculturais na Literatura brasileira: Diversidades na Obra de Murilo Mendes” e referências bibliográficas. Palavras-chave: Murilo Mendes. Carnavalização. Transculturação. Cosmovisão.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda pontos relevantes relativos aos movimentos da linguagem carnavalizada, vislumbrada no conto “A lagartixa” da obra do escritor mineiro Murilo Mendes, intitulada **Idade do serrote**. Como objeto de pesquisa, falaremos sobre a possível conexão por meio da transculturação no âmbito da cosmovisão, onde procuraremos identificar associações pertinentes entre estas estruturas de linguagens.

Reproduziremos, para uma breve apreciação, passagens sobre o conto de Murilo Mendes “A lagartixa”, que discorre com texto de teor sério-cômico onde a descrição do espaço e do tempo constrói em um mesmo momento cenas antagônicas, onde as manifestações festivas de uma segunda-feira de Carnaval passam quase que despercebidas por conta de metáforas poéticas do jovem Murilo, que seguem envolvendo a disputa de atenções entre a prima e também namorada Dolores, “fantasiada de princesa oriental”, e uma elegante e flexível lagartixa, que passeava sobre as árvores do quintal.

Discutiremos também, sobre a contextualização da Carnavalização e os processos invertidos observados nesta estrutura onde, em alguns aspectos da narrativa tentaremos encontrar ligações de interseção entre outras fases da transculturação, no aspecto da cosmovisão, considerado pelo escritor e crítico literário Ángel Rama, como o terceiro nível do processo transitivo de uma cultura para outra. É neste momento em que a carnavalização, segundo Bakhtin, se evidencia de forma semi-real, para as relações mútuas do homem que segue hierarquias sociais, capaz de opor-se às onipotentes relações da vida extra carnavalesca.

Ainda sobre a transculturação, entenderemos sobre sua origem assim como suas formas de comunicação e identificação, para podermos dizer se o objeto de pesquisa segue a contento.

Como assunto final, e não menos importante, buscaremos identificar a presença da representatividade da indumentária como movimento alegórico capaz de induzir a transformação do indivíduo, por meio dos processos de inversão, vislumbrados na Carnavalização.

Entre os autores mais pesquisados podemos citar o escritor e poeta mineiro Murilo Mendes, o também escritor e crítico literário de culturas das Américas latinas, o uruguaio Ángel Rama, o historiador e antropólogo brasileiro Luis da Camara Cascudo, a artista plástica e figurinista brasileira Regina Maria Catellani e o filósofo e pensador russo Mikhail Bakhtin.

2. METODOLOGIA

Os métodos de coleta de dados iniciaram-se em um grupo de pesquisas, apoiado pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora CES/JF, no qual faço parte como pesquisadora externa, desde o ano de 2014, intitulado “Processos Transculturais na Literatura brasileira: Diversidades na Obra de Murilo Mendes”. O estudo, ainda em construção, segue em busca de maiores discussões a fim de confirmar ou não, se podemos entender a carnavalização como uma das fases do processo da transculturação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados, buscaremos discutir e analisar se de fato estes procedimentos de linguagem são afins e se assimilam-se, tais como os processos invertidos observados na carnavalização, abrindo caminho para um discurso da transculturação pela cosmovisão.

4. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que, ao criar o conto “A lagartixa” o autor se vale do contexto cultural de suas memórias, onde manifestações do comportamento excêntrico entre sua juventude, unidas a procedimentos do universo da cosmovisão, narra uma história de aventura e fantasia sobre um diálogo no mínimo estranho, entre o menino Murilo, sua namorada e uma lagartixa. Trata-se de um gênero literário que quebra as barreiras da rigidez das linguagens antigas, parnasianas, onde personagens nos apresentam um conto por um ângulo inusitado de visão, com comportamentos excêntricos e de estado psicológico próximo ao anormal. Cria episódios maravilhosos, revelados através de imagens orais que ganham nomes, formas e novas cores. A festividade explicitada no conto também indica a manifestação do vestuário cênico, que é descrito com detalhes, conceituando também indumentárias temáticas que surgem pela manifestação do Carnaval, promovendo uma transformação comportamental do homem, que ao assimilar outros costumes, pode ser dominado pela ótica do avesso advinda da carnavalização e influenciada desta forma pelo processo de transculturação no âmbito da cosmovisão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981. P. 105-127.

CASCUDO, Luís Da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. – 10ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro Publicações LTDA, 1972.

CATELLANI, Regina Maria. **Moda Ilustrada de A a Z**. Ed. Manole Iv, 2003.

MACHADO, Irene A. Sátira menipéia. In: _____. **O romance e a voz**: a prosaica dialógica de Bakhtin. Rio de Janeiro: Imago, 1995. P. 180-207.

MENDES, Murilo, 1901-1975. **A idade do serrote**/ Murilo Mendes; [prefácio, Marília Rothier Cardoso]. – Rio de Janeiro: Record, 2003.

RAMA, Ángel. **Literatura e cultura na América Latina**. Org. por Flávio Aguiar, Sandra Guardini T. Vasconcelos. Trad. De Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: Edusp, 2001.

O GÊNERO CRÔNICA NA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

Ana Cristina de Souza Costa

RESUMO

Sabe-se que não existe uma única forma de se analisar um texto literário. Há inúmeras teorias e críticas que nos auxiliam nessa fascinante tarefa de estudar Literatura. Teorias estas que por sua vez consideram a obra, o autor, leitor e o universo de sua composição. Dessa forma, compreende-se que os gêneros literários acabam de algum modo se entrosando e assim esta pesquisa pretende analisar a Carta de Pero Vaz de Caminha à luz da Literatura de Viagem. Neste trabalho interessa-nos um estudo analítico sobre A Carta ao Rei D. Manuel visando enxergá-la como uma crônica de viagem elaborada e estruturada com aspectos narrativos. Espera-se reconhecer que o texto do escrivão português não deve ser estudado e tampouco rotulado apenas como um gênero epistolar. Portanto, a partir de uma leitura atenta do relato de Caminha, serão levadas em consideração as especificidades pertinentes às narrativas de viagem, e, portanto, o presente trabalho sugere que a Carta de Pero Vaz de Caminha também possa ser contemplado sob olhar do gênero Crônica.

Palavras- chave: Carta de Pero Vaz de Caminha, Literatura de Viagem, Crônica.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho debruça-se sobre A Carta ao Rei D. Manuel visando compreender que o texto se trata também de uma crônica de viagem elaborada e estruturada com aspectos narrativos.

O texto narrativo deve apresentar em sua estrutura elementos como narrador, personagem, tempo, espaço e enredo. De certo que nem sempre uma obra apresenta todos esses elementos bem distribuídos, alguns desses quesitos acabam por se destacarem ou se ausentarem. Mesmo diante de um texto não ficcional, como o caso da Carta de Caminha, a estrutura narrativa pode ser de alguma forma verificada.

Esta pesquisa tem como objetivo geral explorar a Literatura de Viagem a partir da Carta redigida por Pero Vaz de Caminha para o Rei D. Manuel sobre o

achamento da nova- terra que mais tarde viria a se tornar o Brasil. Para tal análise, far-se-á necessário também traçar um paralelo entre os gêneros Carta e Crônica.

Com intuito de estabelecer uma relação entre a Carta de Caminha e a Literatura Brasileira, recorrer-se-á aos ensaios críticos do teórico Antônio Cândido e as abordagens histórico-literárias de Luciana Stegagno Picchio. Para se fazer valer das características inerentes aos gêneros Carta e Crônica, serão utilizados os critérios de Afrânio Coutinho e Matildes Demétrio dos Santos.

Para contribuir com o embasamento teórico desta pesquisa, ainda serão exploradas as considerações feitas pelo professor e historiador Silvio Castro acerca da Carta de Pero Vaz de Caminha. As análises do teórico auxiliarão para respaldar a intenção narrativa do escrivão ao produzir a carta ao rei de Portugal. Suas observações consideram Pero Vaz de Caminha o primeiro cronista do Brasil e suportam a ideia de que a Carta inicia-se como um típico texto epistolar, entretanto direciona-se para uma crônica por apresentar um amplo campo narrativo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é bibliográfica e exploratória, pois as informações contidas no trabalho serão resultantes de um levantamento bibliográfico como artigos, livros e dissertações que apresentam relação com os objetivos da pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa de Pero Vaz de Caminha foi a primeira amostra do que posteriormente se constituiria a literatura brasileira, uma vez que para Antônio Cândido “A ideia do país novo produz na literatura algumas atitudes fundamentais, derivadas da surpresa, do interesse pelo exótico, de um certo respeito pelo grandioso e da esperança quanto as possibilidades”. (CANDIDO, 1989. p.140-141). É notório que o cronista enxergou o achamento da nova terra como uma surpresa inquietante e o novo ambiente como um lugar exótico e intrigante com infinitas possibilidades de experiências futuras.

Ainda há espaço para se discutir sobre a inserção da Carta de Pero Vaz de Caminha aos textos literários tidos como Literatura Brasileira. Nesta pesquisa, segue-se a ideia novamente defendida por Antônio Candido que auxilia e corrobora

a aceitação da Carta de Caminha como um exemplo de literatura de viagem brasileira visto que se trata de um documento contribuinte para a formação do país.

“Historicamente a literatura do período colonial foi algo inevitavelmente imposto, como o resto do equipamento cultural dos portugueses. E este fato nada tem de negativo em si, desde que focalizemos a colonização, não pelo que poderia ter sido, mas pelo que realmente foi como processo de criação do país, como todas suas misérias e grandezas.” (CANDIDO, 1989. p.176).

O texto de Caminha apresenta uma progressão narrativa que não pode desconsiderar o envolvimento do escrivão com os fatos ocorridos durante a expedição portuguesa. Sua intenção era apenas uma descrição dos acontecimentos sem “afear nem aformosear” segundo o próprio Caminha expõe ao Rei de Portugal. Entretanto, no decorrer da narrativa, o narrador-personagem deixa suas impressões se sobreporem às descrições. É nesta perspectiva que esbarramos já em um resultado da presente pesquisa, se tomarmos como referência o conceito de Afrânio Coutinho sobre o gênero crônica:

A crônica é na essência uma forma de arte, arte da palavra, a que se liga uma forte dose de lirismo. É um gênero altamente pessoal, uma reação individual, íntima, ante ao espetáculo da vida, as coisas, os seres. O cronista é um solitário com ânsia de comunicar-se. (COUTINHO, 1967. p. 97)

Caminha admira-se diante da nova- terra e ressalta em seu texto a relação dos seus companheiros de viagem com os nativos. São suas impressões pessoais que confirmam a intenção de entender a Carta como uma Crônica.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho permite-nos observar a Carta de Pero Vaz de Caminha como uma peça de fundamental importância para edificação da Literatura Brasileira, sobretudo sob o olhar do gênero Crônica de Viagem. Entende-se que o escrivão português lança mão de aspectos pessoais para construção do seu texto e, portanto, o texto, apesar de endereçado e datado e enviado, como ocorre com os gêneros epistolares, também traduz um olhar daquele que não somente observava, mas sim, vivenciava os fatos por ele narrados. Aproximando, dessa forma, a Carta a uma Crônica.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Pero Vaz. **Carta ao rei Dom Manuel**. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- CANDIDO, Antônio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CASTRO, Sílvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha** o descobrimento do Brasil. Porto Alegre:L&PM, 2015.
- COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura: volume 3 : epopeia, teatro, ensaio, crônica, oratória, cartas, memórias, diários, máximas, crítica**. 2. ed., Rio de Janeiro: Distribuidora de Livros Escolares, 1967.
- SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol: a correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas**. São Paulo: Annablume,1998.

A IDADE DO SERROTE: TRANSCULTURAÇÃO, MEMÓRIA E INTERTEXTUALIDADE

Camila Motta Tavares Guedes

Denise Moreira Guedes Vieira

Valquíria Areal Carrizo

RESUMO

Faz-se necessário, hoje, em um continente tão diversificado, abordar a heterogeneidade, uma vez que ela se faz presente na cultura latino-americana. É partindo desta diversidade, que o presente artigo explora elementos transculturadores na obra **A Idade do Serrote**, do escritor mineiro Murilo Mendes, fundamentando-se na teoria da Transculturação Narrativa, do crítico uruguaio Ángel Rama. Por meio desta teoria, serão analisados os três níveis: linguagem, estruturação narrativa e cosmovisão nos capítulos: **Origem, Memória, Contacto, Iniciação; Religião; Momentos & Frases; Confissões; A Lagartixa; A Rua Halfeld; O Tribunal de Vênus; O Olho Precoce**. A busca pela descoberta leva Murilo Mendes a uma linguagem nova, a uma plasticidade cultural valorizando a idiosincrasia autoral na tessitura de sua obra em prosa. Há uma utilização inventiva da linguagem, por meio de modos de expressão regional, além do diálogo com outras culturas, criando a sua própria identidade.

Palavras-chave: Transculturação. Memória. Intertextualidade. Infância.

ABSTRACT

It's necessary, today, in a continent so diverse, discuss the heterogeneity, once it presents in Latin America culture. It is starting from this diversity, that the present article explores transcultural elements in the book **The Age of the Saw**, from miner writer Murilo Mendes, basing themselves in theory of Narrative Transculturation, from Uruguayan critic Ángel Rama. By this theory, will be analyzed the three levels: language, narrative structure, and cosmovision in chapters: **Origin, Memory, Contact, Initiation; Religion; Moments & Phrases; Confessions; The Gecko; The Halfeld Street; The Court of Venus; The Early Eye**. The search for discovery takes Murilo Mendes to a new language, a cultural plasticity valuing authorial idiosyncrasy in the texture of his work in prose. There is an inventive use of language by means of regional expression modes, beyond the dialogue with other cultures, creating your own identity.

Keywords: Transculturation. Memory. Intertextuality. Childhood.

1 INTRODUÇÃO

Em meio às discussões sobre a pluralidade cultural, a proposta deste estudo é, percorrendo a obra, **A idade do serrote** (2014), do escritor mineiro, Murilo Mendes, encontrar os indícios de que a palavra transculturação ressoa na literatura latino-americana, com a finalidade de extrair as marcas indeléveis da sensibilidade do autor ao lidar com os acontecimentos cotidianos e costumes sociais que conferem à obra

Nesse contexto, o acolhimento da obra, **A idade do serrote**, foi motivado por esse potencial do autor em identificar e acolher a diversidade que envolveu a história de cada homem e de cada espaço, seus contemporâneos. Uma obra que se traduz em uma poesia que ultrapassa as fronteiras de sua terra e atravessa espaços físicos e temporais, chegando a outros povos, chegando aos nossos dias.

O sujeito, Murilo Mendes, em sua história de vida, influenciado pela ocidentalidade, muitas vezes absorvendo-a, em outras vezes redefinindo-a e até mesmo anulando-a, instituiu por assim dizer, a consciência da diversidade; conforme Schmitt (2013), que transforma a língua, as crenças populares e a cultura. Uma transculturação, com função cultural e transformadora, segundo Rama (2014), uma **plasticidade cultural**. O conceito de Transculturação Narrativa proposto pelo crítico uruguaio Ángel Rama busca considerar de que modo formas da modernidade europeia conseguiram, por meio de um processo de transculturação, adaptar-se à realidade latino-americana, vista como dependente.

Nas obras literárias, o processo transculturador proposto por Rama realiza-se em três níveis: o linguístico, o da estruturação narrativa e o da cosmovisão. O nível linguístico resgata os modos de expressão regional que resultará em uma forma de linguagem literária peculiar, abrindo espaço para a incorporação de elementos líricos e dramáticos no discurso literário.

Os três níveis sendo desenvolvidos de forma articulada apresentariam, por meio de um processo transculturador, o trânsito entre o regional e o universal. O menino Murilo era dono de uma curiosidade **inextinguível**, tinha necessidade de ver e rever a diversidade, seja ela nas pessoas ou nas coisas e, queria ir a cavalo do Brasil à China, desejo pelo menos incomum em se tratando de uma criança. Um ser

local que queria viver e explorar outros sentimentos e mundos em busca de uma unidade temporal, **temporizemos**, porém transcultural.

Os capítulos **Origem, Memória, Contacto, Iniciação; Religião; Momentos & Frases; Confissões; A Lagartixa; A Rua Halfeld; O Tribunal de Vênus; O Olho Precoce**, do livro **A Idade do Serrote**, de Murilo Mendes, serão analisados, neste artigo, pelo viés da memória, da intertextualidade e da Transculturação; os mesmos foram escolhidos, pelo fato não serem intitulados por nomes de pessoas – personagens e sim serem passagens da memória individual do autor.

Em se tratando de Murilo Mendes (2014, p. 17), nada é por acaso, é sempre um texto dentro de um texto, em comunhão com as culturas. O dia, o nascer, o início, um **nasci coisando**; o autor transcultura, intertextualiza, ou seja, cria um estilo próprio de linguagem, principalmente ao repetir o que as pessoas simples que o cercam tanto falam; ele traz para o seu texto: a educação e as pessoas que o tornam; o confessionário inquisidor, problemas com a religião; as alegrias, o ar livre, a diversão, o sol e fazer o footing; as amizades e as peripécias de menino; deixando a sua grande marca estilística ao terminar o texto com a palavra **AINDA**.

2 METODOLOGIA

O estudo far-se-á através de pesquisa bibliográfica, buscando conhecer e analisar sobre: transculturação, memória e intertextualidade. Em seguida, acontecerá a fase de registro e análise, correlacionando fatos, pesquisa descritiva, tentando destacar a estilística de Murilo Mendes na tessitura heterogênea da prosa de Murilo Mendes, listando opiniões e trechos da obra, a fim de analisar, classificar e interpretar os dados coletados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda está em andamento e os dados não foram totalmente analisados, porém o que já se pode dizer é que a escritura de Murilo Mendes vem acompanhada de um forte campo semântico, de memória individual, que se apresenta através de jogos de palavras, intertextualidade e neologismos, transformando o leitor em um verdadeiro pesquisador – aprendiz.

4 CONCLUSÃO

Pautados em **A Idade do Serrote**, o estudo ressaltou os elementos transculturais na obra de Murilo Mendes, onde o autor chama a atenção para uma plasticidade cultural, em capítulos que se complementam. Por meio da linguagem formal, Mendes institui o registro regional de alguns personagens, e, desta forma, acolhe a diversidade. O narrador, processando-se no trânsito da história, revela a si e aos tantos outros, seus contemporâneos.

Um novo olhar foi direcionado para a variedade cultural presente na América-Latina, bem como sobre a heterogeneidade, fortemente buscada e discutida em artigos e livros do uruguaio, Ángel Rama. Segundo Rama, o homem de hoje, o escritor da atualidade, precisa perceber e receber as diferentes contribuições nesta terra tão diversificada e, ao mesmo tempo, tão única para, enfim, registrá-la.

É partindo da diversidade, do processo de troca e profundamente consciente desta desigualdade, que o crítico, supracitado, cria o conceito de Transculturação Narrativa, buscando integrar as culturas latino-americanas por meio da literatura.

Os níveis do processo transculturador proposto por Rama, a saber: o nível da linguagem, o da estruturação narrativa e o da cosmovisão embasaram esta análise, por estarem diretamente ligados à herança cultural de um povo. O nível da cosmovisão, muito presente em **A Idade do Serrote**, retrata memórias, valores, a força do mito e da religiosidade, e nisso se confirma o olhar sensível de Murilo Mendes capaz de subverter uma visão comodista das diversas culturas numa visão cultivadora de respeito e admiração pela riqueza da diversidade cultural e étnica.

E assim, buscou-se, neste artigo, apresentar o empenho de Murilo Mendes em resgatar e preservar suas memórias e, concomitantemente, sua cultura. Seu fascínio pela descoberta levou-nos a adentrar em seu mundo de memórias intertextuais e extrair dele o que há de mais belo: a capacidade de criar.

REFERÊNCIAS

BOSI, Éclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

CARRIZO, Valquíria Areal. **A chave de casa: um romance entre a teoria e a ficção**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, 2014.

FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. **Entre Pompéia e Roma: A prosa memorialística de Murilo Mendes**. Disponível em:

<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca2601.htm>. Acesso em 11 nov. 2014.

GUEDES, Camila Motta Tavares. **Aproximações transculturais: A hora e a vez de Augusto Matraga, de Guimarães Rosa, e Os rios profundos, de José Maria Arguedas, na comarca intelectual latino-americana**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, 2014.

MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

MENDES, Murilo. **A idade do Serrote**. Texto: Carlos Drummond de Andrade; Posfácio: Cleusa Rios Passos. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

_____. **Poesia Completa e Prosa - Volumes I, II, III e IV**. Organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MENEZES, Filipe Amaral Rocha de. **Animais biográficos [manuscrito]: um estudo de Poliedro, de Murilo Mendes**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: 2010. Disponível em:
http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-867M3U/dissertacao_filipe_menezes.pdf?sequence=1. Acesso em 18 set. 2015.

RAMA, Ángel. **Transculturación Narrativa en América Latina**. Disponível em:

[http://books.google.es/books?id=_x00Hcz9klsC&pg=PA3&hl=pt-](http://books.google.es/books?id=_x00Hcz9klsC&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false)

[BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false](http://books.google.es/books?id=_x00Hcz9klsC&pg=PA3&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false). Acesso em 11 nov. 2014.

VIEIRA, Denise Moreira Guedes. **Vintém de cobre – meias confissões de Aninha: a poética da experiência em Cora Coralina**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, 2014.

SCHMITT, Maria Aparecida Nogueira Schmitt. **Utopias Transculturais na Heterogeneidade Latino-Americana**. Montes Claros: Unimontes, 2013.

TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DE HENRIQUETA LISBOA

FERREIRA, Luciana Genevan da Silva Dias²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estabelecer uma reflexão sobre os pontos em comum entre a poesia de Henriqueta Lisboa e a poética do modernismo e analisar em que medida a obra da poetisa mineira transcende o compromisso da estética moderna com o novo para reatar um diálogo com a tradição literária brasileira. Este estudo examina os poemas **Ofélia**, presente na obra denominada **Flor da Morte**, de 1949, e **Suspiro**, publicado em 1956, em **Azul profundo**, ambos situados no período literário denominado Modernismo. O embasamento teórico do trabalho pauta-se em considerações de Fábio Lucas sobre a tradição e a ruptura nos poemas da autora e em abordagem de Michael Hamburger a respeito da poesia moderna. A metodologia aplicada a esta pesquisa é bibliográfica e exploratória com registro, análise, classificação e interpretação dos dados coletados. Contextualiza-se a obra de Henriqueta Lisboa, lembrando características do gênero poético do século XX assim como propriedades literárias da poesia do final do século XIX, pois a autora se vale tanto de concepções modernistas como de elementos de estética simbolista, uma vez que se aproxima da expressão artística de Alphonsus de Guimaraens.

Palavras-chave: Henriqueta Lisboa. Tradição. Ruptura.

TRADITION AND RUPTURE IN HENRIQUETA LISBOA POETRY

ABSTRACT: This work aims to establish a reflection on the common ground between poetry Henriqueta Lisboa and poetic modernism and analyze to what extent the work of mining poet transcends the commitment of modern aesthetics with the new to resume a dialogue with tradition Brazilian literary. This study examines the **Ofélia** poems, present in the work called **Flor da Morte**, 1949, and **Suspiro**, published in 1956, in **Azul profundo**, both located in the literary period called Modernism. The theoretical basis of the work agenda in Fábio Lucas considerations of tradition and rupture the poems the author and approach of Michael Hamburger about modern poetry. The methodology applied to this research is bibliographical and exploratory with recording, analysis, classification and interpretation of the data collected. Contextualized the work of Henriqueta Lisboa, recalling features of the poetic genre of the twentieth century as well as literary properties of the final of the poetry of the nineteenth century , as the author makes use of both modernist conceptions as Symbolist aesthetic elements as it approaches of artistic expression Alphonsus de Guimaraens.

Keywords: Henriqueta Lisboa. Tradition. Rupture.

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestranda em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF - SMC. Contato: luciana.genevan@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Poetisa mineira, Henriqueta Lisboa nasceu em Lambari, MG, em 1903 e morreu em Belo Horizonte em 1985. Dedicou-se à poesia, ensaios e traduções, assinalando na literatura brasileira. Seu percurso literário se estendeu por quase todo século XX, ao longo do qual foi premiada por suas criações. Com **Enternecimento**, publicado em 1929, de forte caráter simbolista, recebeu o Prêmio Olavo Bilac de Poesia da Academia Brasileira de Letras. Tornou-se simpática ao Modernismo por volta de 1945, influenciada por Mário de Andrade, com quem trocou correspondência entre os anos de 1940 e 1945. Foi a primeira mulher eleita para a Academia Mineira de Letras em 1963. Em 1984, recebeu o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra.

Henriqueta manteve-se sempre atuante no diálogo com os escritores e intelectuais de sua geração e angariou muitos leitores ilustres durante sua vida, dentre eles, além de Mário de Andrade, também Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles. Tornou-se, no entanto, uma autora que convivia com a solidão. Sua poesia apresenta características peculiares que comovem o leitor, sem recorrer a artifícios compassivos. Os vocábulos vêm para ela como se fossem objetos, emoções e sensações. Diante dessas características, a crítica considera Henriqueta Lisboa um nome pontual da poesia em língua portuguesa.

2 METODOLOGIA

Os dados deste estudo foram coletados por meio de levantamento bibliográfico. Com a indução, analisou-se o referencial teórico tanto na área geral como específica do tema abordado, permitindo conhecimento do assunto. As informações foram obtidas pela pesquisa exploratória com registro, análise, classificação e interpretação de dados coletados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A produção literária de Henriqueta Lisboa apresenta, segundo Fábio Lucas (2001), os impulsos da imitação associados aos da ruptura. Ela, por um lado, ajusta-

se à tradição do gênero poético, na literatura brasileira, por outro, no entanto, desvia-se do procedimento conservador e manifesta o toque pessoal de expressão, imprimindo estilo e originalidade à sua arte.

O contexto no qual surge a obra de Henriqueta Lisboa, início do século XX, corresponde ao decênio da Semana de Arte Moderna, no Brasil. Na Europa, “as correntes consagradas exportavam atitudes contestadoras da tradição sob a forma das vanguardas” (LUCAS, 2001, p.1). Desse modo, a análise da poesia de Henriqueta Lisboa pode ser pautada em duas tendências: a simbolista e a modernista, embora ela não tenha se filiado a nenhuma escola literária.

Consoante Michael Hamburguer (2007, p. 43), a poesia moderna não é regida por uma única linha de desenvolvimento, Henriqueta Lisboa o sabia bem, pois tomou para sua poesia características de escolas literárias distintas, combinou elementos diversos num estilo singular, seguindo uma linha particular de desenvolvimento. Por isso, de acordo com Blanca Lobo Filho (1965), a poesia de Henriqueta Lisboa transcendeu qualquer escola e tornou-se moderna, pois cabe, ao mesmo tempo, em todas as categorias e em nenhuma delas.

Henriqueta Lisboa não assumiu características do Modernismo referentes ao aspecto mais caricato e desafiador, que foi a prática do poema prosaico ou simplesmente anedótico. “O Modernismo de Henriqueta Lisboa cifra-se pela compostura” (LUCAS, 2001, p. 3). Mas a poetisa traz em sua obra o verso livre, marca da escola modernista, e o imprime de modo fluido e natural, como, por exemplo, no poema denominado “Suspiro”, publicado em 1956, na obra **Azul profundo**, posteriormente retomado no condensado intitulado **Obras Completas: volume I - Poesia Geral**, de 1985, como se observa:

SUSPIRO
Adivinhar no azul
a hortênsia, o cristal, a antecâmara.
Sentir nas mãos a brisa à semelhança
de um instrumento a florado
pelo abandono.

Hamburguer (2007, p. 50) indica que, sob o ponto de vista da poesia moderna, o metro e a rima são uma convenção limitadora da poesia, por isso os poetas modernistas assumem os versos livres, também chamados irregulares,

versos que não possuem restrição métrica. Esse seria um ponto em comum que Henriqueta Lisboa estabelece com a poesia do modernismo.

A obra de Henriqueta Lisboa, contudo, não apresenta sempre características do estilo modernista, ao contrário, há um diálogo que retoma a tradição poética brasileira: “o maneirismo dramático [da poetisa] associa a tradição setecentista mineira, meio barroca, meio clássica, eminentemente rococó, com a tonalidade musical do Simbolismo” (LUCAS, 2001, p. 2).

Características simbolistas tornam-se presentes na obra da poetisa mineira, a qual é influenciada pelo poeta Alphonsus de Guimaraens, que produz uma obra marcadamente mística e envolvida com religiosidade católica. Os sonetos do poeta ouro-pretano apresentam uma estrutura clássica, e são profundamente religiosos e sensíveis à medida que exploram o sentido da morte, do amor impossível, da solidão e da não adaptação ao mundo, essas temáticas estão presentes também na obra de Henriqueta. Observam-se dois poemas, respectivamente, de Alphonsus de Guimaraens e Henriqueta Lisboa da esquerda para direita, conforme quadro seguinte:

<p>“Soneto de Ofélia”</p> <p>Lírio do val perdido na corrente, Sigo formosa e fria entre outros lírios... Na cabeça, uma c’roa de martírios; Nos olhos virginais, a paz silente.</p> <p>As estrelas virão acender círios No fundo deste leito, suavemente: E a lua beijar-me-á, calma e dolente, – A lua que abençoou os meus delírios.</p> <p>Que venha o vago luar que anda nas covas Atorçalar-me a fronte, onde vagueia O beijo etéreo e trágico de Hamleto...</p> <p>Formosa como vou, com flores novas Beijando a minha cor de lua-cheia, O Príncipe ter-me-á Eterno Afeto</p> <p style="text-align: right;">(Alphonsus de Guimaraens)</p>	<p>“Ofélia”,</p> <p>Um rio longo, verde escuro Sustém o corpo de Ofélia. Longos cabelos emolduram A forma branca, esquiva e débil Suspensa ao balanço da água. Por entre espumas e sargaços Desabrocha o rosto de nâcar. Agora o busto de onda se ergue, Resvala o fino tronco, os membros Esvaem-se trêmulos, trêmulos.</p> <p>Debruço-me sobre o rio Para salvá-la. E então me perco. Meus olhos já não podem vê-la Nublados de bolhas e liquens. Meus braços não mais a alcançam Hirtos do pavor da morte. Ofélia, serena, dorme. E sonha. Nas praias últimas Um anjo lhe enxuga as tranças Um anjo a recolhe e adverte Da inanidade de tudo. E enquanto se eterniza Ofélia, Pra Ofélia desapareço.</p> <p style="text-align: right;">(Henriqueta Lisboa)</p>
--	--

Ambos os poemas trazem a mesma temática: a morte de Ofélia. O tema da morte é recorrente no simbolismo. A morte nem parece real, acontece como num sonho, e a linguagem para ambas as poesias, em Alphonsus e em Henriqueta, transmite a mesma melancolia trágica. Não há violência explícita ou desespero, mas uma tristeza suave, como se o próprio destino (morte) de Ofélia evocasse uma espécie de delicadeza, isto é, de afabilidade, esse é o modo como grande parte da tradição poética trata a figura feminina. Mas, enquanto Alphonsus de Guimaraens utiliza a forma fixa do soneto para compor, Henriqueta Lisboa se desprende da tradição e inova.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisaram-se apenas dois aspectos da obra de Henriqueta Lisboa, nesta abordagem, uma para aproximá-la do Modernismo, outra para remetê-la ao Simbolismo: versos livres e temática da morte, respectivamente. Considera-se, entretanto, sua obra muito mais abrangente e rica. O que possibilita amplo estudo e relevantes análises futuras.

REFERÊNCIA

GUIMARAENS, Alphonsus de. Obra completa. In: **Notas biográficas de João Alphonsus**. GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (org.). Rio de Janeiro: J. Aguilar, 1960.

HAMBURGUER, Michael. **A verdade da Poesia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LISBOA, Henriqueta. **Obras Completas**: volume I - Poesia Geral (1929-1983). São Paulo: Duas Cidades, 1985.

LOBO FILHO, Blanca. **Interpretação da lírica de Henriqueta Lisboa**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1965.

LUCAS, Fábio. Henriqueta Lisboa: o tema e a técnica. In: _____ MOURÃO, Rui (org.). **Suplemento Literário Minas Gerais**. Belo Horizonte, 21 fev., ano v, nº 182, 1970.

OS DESENHOS DAS IDENTIDADES E A ANÁLISE EM FACE DE INCIPIENTE SÍNDROME DA ALIENAÇÃO PARENTAL EM CIRANDA DE PEDRA

SARTORI, Isabela Duarte
AKABANE, Rita de Cássia Cruz Falcometa

RESUMO

Este trabalho pretende, a partir do Direito de Família e com o aporte de conceitos advindos da psicologia, investigar a dinâmica familiar na obra literária *Ciranda de Pedra* da paulista Lygia Fagundes Telles, considerando a temática da Síndrome da Alienação Parental (SAP). A abordagem parte da indagação de como as identidades das filhas, Virgínia, Otávia e Bruna se sustentam e se desenvolvem numa entidade familiar fragmentada. Embora seja um tema discutido somente nos últimos anos, não é um problema novo para a sociedade, uma vez que seu delineamento se deu na década de 80, através de debates entre direito, psicologia e psiquiatria. Entretanto, para o ordenamento jurídico é relativamente novo, tendo resultado na promulgação da Lei n.º 12.318/2010, cuja finalidade básica é proteger os direitos fundamentais da criança e do adolescente. Assim, por meio da análise crítica do romance em questão, escrito em 1954 busca-se demonstrar que no mesmo existem traços de uma Alienação Parental.

Palavras-chave: Literatura. *Ciranda de Pedra*. Identidade. Alienação Parental. Lygia Fagundes Telles.

1 INTRODUÇÃO

A família e suas relações exercem influência direta na constituição do indivíduo e é nela que se têm a base para os relacionamentos futuros, já que ali são promovidas as primeiras experiências de vínculo afetivo.

Em **Ciranda de Pedra** há uma família em desconstituição, uma vez que a mãe, Laura, deixa o marido Natércio e escolhe viver um amor com Daniel. Quando sai de casa, deixa duas filhas mais velhas, Bruna e Otávia, levando apenas Virgínia, a caçula. Mas o sonho de Virgínia, enquanto criança revela-se no desejo de ir morar com o pai e as irmãs, juntamente com plena recuperação da saúde da mãe e o retorno das duas para o antigo lar. A criança vive a expectativa de uma família reunida novamente e de uma dinâmica familiar integrada. Percebe-se seu sofrimento e amargura revelados quando de suas visitas à casa de Natércio, pois ali não tem boa relação com as irmãs. Estas muitas vezes ignoram a mãe e a destituem deste

lugar em suas vidas, inclusive, Bruna chega a culpá-la pelo sofrimento do pai, revelando o discurso de posicionamento a favor daquele, em detrimento da posição materna no que diz respeito à relação conjugal.

As filhas demonstram atitudes e falas comuns a crianças que sofrem Alienação Parental, pois mostram pouco interesse na genitora, culpam-na e rejeitam, se se distanciando desta figura e vendo-a como causadora dos vínculos rompidos e da fragmentação familiar. Há relatos de situações não diretamente vivenciadas por elas e o pai, suposto sujeito alienador, que não faz questão desse contato materno, inclusive deixando claro o desejo de que ele não se efetive. Assim verificam-se alguns trechos da obra que corroboram com esta conclusão:

Nossa mãe esta pagando um erro terrível, será que você não percebe? Abandonou o marido, as filhas, abandonou tudo e foi viver com outro homem. Esqueceu-se dos seus deveres, enxovalhou a honra da família, caiu em pecado mortal! (Telles, 1981, p. 34).

-Não pede notícias da mamãe?...Otávia pousou o copo e limpou cuidadosamente os cantos da boca com a ponta do guardanapo. Voltou-se para Virginia o olhar sereno. _Eu bem que gostaria de visita-la, você sabe, mas papai não tem deixado, achei melhor não insistir...Como vai ela?" (Telles, 1981, p. 37).

O estudo visa demonstrar, portanto, que a obra escrita em 1954 (que é retrato da família naquela década), é contemporânea e universal na medida em que já revela um evento sócio psicológico somente recentemente normatizado no Brasil. Direito e Psicologia configuram-se, assim, como dois elementos-chave para a interpretação da obra. Assim temos a discussão de atual de problema presente em casamentos desfeitos, qual seja a relação entre ex-cônjuges e seus filhos.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é bibliográfica e exploratória, onde os dados serão coletados, essencialmente, por meio de levantamento bibliográfico, com revisão de artigos, livros, jurisprudência e doutrina que têm relação direta ou indireta com o tema proposto. O estudo do tema da Alienação Parental servirá de ponto de partida para o reconhecimento dos processos de formação da criança e do adolescente, na análise do corpus literário **Ciranda de Pedra**, tendo como pressupostos teóricos a

congruência das ciências da psicologia e do direito nas recentes discussões acerca do assunto. Para isso, utilizaremos o referencial multidisciplinar do livro "Alienação Parental: interlocuções entre o Direito e a Psicologia" (ARAUJO et al, 2014).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade dos anos 1950 era patrimonializada, o núcleo familiar enquanto construção cultural dispunha de perfil hierarquizado e patriarcal sem espaço para as individualidades.

Em **Ciranda de Pedra** localizamos trechos que corroboram a Síndrome da Alienação Parental. Esta se dá de maneira mais comum com a dissolução do casamento motivo pelo qual um dos familiares pode tentar atingir o outro com a manipulação, muitas vezes subjetiva. Segundo Dias quando há ruptura conjugal podem ocorrer sentimentos de raiva e vingança e de forma que é possível uma “[...]‘lavagem cerebral’ feita pelo guardião, de modo a comprometer a imagem do outro genitor [...]” (2010, p. 451).

Percebe-se que as identidades das personagens neste núcleo são marcadas por desequilíbrio, pois apesar de Virgínia, a filha caçula, morar com a mãe, possui pouco contato e proximidade de vínculo com ela. Revela-se uma criança confusa em seus sentimentos, quer fazer parte, mas não se encaixa. Suas irmãs convivem com um pai austero e distante, que apenas lhes provê financeiramente. Há aqui tanto Alienação Parental por parte do pai em relação à genitora, quanto abandono afetivo e fragmentação nuclear.

Sabe-se que na formação do indivíduo, o convívio, o amor, o afeto são essenciais à delimitação das identidades, mas na obra o distanciamento é marca fundamental. Esta perspectiva, da qual carecem que é a falta de interação dos pais como os filhos, bem como nos elucida Dias (2010, p. 499) pode vir a significar sequelas psicológicas com comprometeram o desenvolvimento pleno e saudável, pois há a quebra do elo de afetividade.

No dividido em duas partes, temos Virginia, na primeira parte, como criança e suas irmãs já adolescentes, aí determinamos várias passagens onde há os oito sintomas definidos por Richard Gardner (2004 apud BHONA, 2010, p.5) sendo eles:

1) campanha desqualificatória em relação ao genitor alienado; 2) frágeis, absurdas ou inadequadas racionalizações para essa desqualificação; 3) ausência de ambivalência no que diz respeito aos sentimentos direcionados ao genitor alienado (sempre negativos); 4) fenômeno do “pensamento independente” (a criança afirma que ninguém a influenciou em sua rejeição ao genitor); 5) defesa do alienador no conflito parental; 6) ausência de culpa em relação ao genitor alienado; 7) presença de relatos de situações não vivenciadas; 8) extensão da animosidade a amigos, familiares e demais pessoas relacionadas ao alienado.

É notável a presença de Síndrome da Alienação Parental que através da obra, vai mostrando suas possíveis consequências, pois, quando adultas, as filhas ainda podem apresentar questões emocionais não resolvidas e conflitos psicológicos, tendo inclusive dificuldades em se relacionar plenamente, o que denota a desagregação familiar.

4 CONCLUSÃO

No que tange a alienação, surge como situação principalmente ligada a conflitos e litígio conjugal, o que não impede que outras circunstâncias possam gerarla. Esta campanha de negação de um dos pais está veladamente presente no livro **Ciranda de Pedra**.

Os casos de Alienação Parental são mais comuns quando existem disputas judiciais, mas não somente se restringem eles. No caso da obra de Lygia Fagundes Telles, por exemplo, não há litígio, mas o pai é o alienador, que destitui a figura materna em relação às filhas, expondo e enumerando situações as adolescentes que ele vivenciou passando, apenas sua versão e juízo de valor, a fim de efetuar uma aliança com as mesmas.

De acordo com Gardner (1999), existem diferentes níveis de SAP e, como revela, aparecem em três tipos *Mild, Moderate and Severe*. De acordo com o estudo desta classificação, enquadrámos a alienação na obra supracitada como *mild*, ou seja, suave, o que não reduz sua importância e seu impacto no desenvolvimento psíquico e afetivo de Virgínia, Otávia e Bruna.

Além disso, é importante salientar que nos processos de alienação parental, conforme se busca demonstrar no livro, a complexidade das dinâmicas familiares e os reflexos negativos diretos no desenvolvimento da criança e dos adolescentes.

Atualmente, o progresso que o estudo e o esforço comum entre as varas de família, psicólogos e operadores do direito alcançaram vemos materializado na Lei 12.318/2010, que consagra em seu art. 2º o que significa a Alienação Parental e no art. 3º que a prática fere direito fundamental da criança ou do adolescente de convivência familiar saudável, bem como constitui abuso moral.

O trabalho assim se propõe a analisar o viés psicológico da estruturação familiar, com a comparação direta com a lei atual da Alienação Parental, mostrando a inter-relação entre Psicologia, Direito e Literatura.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Sandra Maria Baccara; MOLD, Cristian Fetter; CARMO, Thalita Faria Machado do; LEITE, Rafaella de Menezes. **Alienação Parental: Interloquções entre o Direito e a Psicologia**. Curitiba: Maresfield Gardens, 2014.

BHONA, Fernanda Monteiro de Castro. LOURENÇO, Lélío Moura. **Síndrome de Alienação Parental (SAP): uma discussão crítica do ponto de vista da Psicologia**. Juiz de Fora, Revista Virtú, 2010. p. 1-12. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/SÍNDROME-DE-ALIENAÇÃO-PARENTAL-SAP-UMA-BREVE-REVISÃO.pdf>> Acesso em: 07 out. 2015.

DIAS, Maria Berenice. **Manual de Direito das famílias**. 7 ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

GARDNER, Richard A. **Family Therapy of the Moderate Type of Parental Alienation Syndrome**. The American Journal of Family Therapy. 27, p.195-212, 1999. Disponível em: <<http://www.fact.on.ca/Info/pas/gard99m.htm>> Acesso em: 08 out. 2015.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de pedra**. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981.

**O ESTANDARTE DO SANATÓRIO GERAL VAI PASSAR:
A CARNAVALIZAÇÃO NO CANCIONEIRO DE CHICO BUARQUE**

GUIMARÃES, Vânia Caldeira Brant

RESUMO:

Esta pesquisa propôs a investigar a festa carnavalesca e o fenômeno da carnavalização no cancionário de Chico Buarque, de acordo com a teoria de Mikhail Bakhtin que fundamentou esse estudo. Tal princípio apontou elementos da inversão de papéis e registros críticos contidos nas letras das canções. O uso de alegorias foi considerado como estratégia de oposição num contexto ideologicamente autoritário. A sátira menipeia foi (re)visitada como apoio teórico à interpretação carnalizada de um mundo às avessas, o que nos levou a incursionar pelas cantigas de escárnio e maldizer trovadorescas, num viés que indicou caminhos político-sociais numa conjuntura determinada. Ainda foram analisadas projeções em avessos nas cantigas de amigo e amor, ora se aproximando ora de afastando em semelhanças e diferenças no tratamento amoroso. Para isso, foi elaborada, uma significativa coletânea de canções-poema buarqueanas produzidas nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Neste corpus temporal, Chico Buarque, através do texto poético, conseguiu representar a comunidade nacional em um cenário metaforicamente desvendável. Nesse universo, a construção de imagens percebida no teor das canções-poema aponta o caráter contestador da forma carnavalesca, em um universo pleno de simbolismo que menciona indicadores bakhtinianos através do sentido alegórico da carnavalização.

Palavras-chave: Chico Buarque. Carnavalização. Cancioneiro. Relações político-sociais. Construção identitária.

RESUMÉ

Cette recherche vise à étudier la fête de carnaval et le phénomène de carnalisation dans le répertoire de Chico Buarque, selon la théorie de Bakhtine qui

a justifié cette étude. Ce principe éléments de renversement des rôles et des dossiers critiques contenues dans les paroles des chansons souligné. L'utilisation d'allégories a été considérée comme une stratégie d'opposition idéologique contexte autoritaire. La satire ménippée était (re) visité comme support théorique interprétation carnavalesquée d'un monde à l'envers, ce qui nous a conduit nous ont amenés à pénétrer les chansons de mépris et la malédiction troubadour, un biais qui a indiqué chemins politiques et sociales dans une situation donnée. Pourtant, ils ont été analysés projections aversion dans les chansons de son ami et l'amour, approche maintenant le moment de pousser sur les similitudes et les différences dans le traitement d'amour. Pour cela, il a développé une importante collection de buarqueanas poèmes-chansons produites dans les années 1960, 1970 et 1980. En ce temps corpus, Chico Buarque, à travers le texte poétique, pourrait représenter la communauté nationale dans un scénario métaphorique desvendável. Dans cet univers, la construction des images perçues dans le contenu de la chanson-poème dit le caractère oppositionnel de la forme de carnaval, dans un univers plein de symbolisme qui mentionne indicateurs bakhtinienne à travers le sens allégorique de carnavalisation.

Mots-Clés: Chico Buarque. Carnavalisation. Chansonnier. Relations politico-sociales. Construction Identitaire.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investigou a festa carnavalesca e o fenômeno da carnavalização em algumas canções-poema do cancioneiro de Chico Buarque de Hollanda. Neste estudo, as canções-poema foram examinadas como textos literários poéticos indicadores de expressão sentimental, propiciando ao poeta posicionar-se politicamente. Incursionou-se, também, pelas cantigas trovadorescas que apontaram a sátira menipeia como contexto de apoio. Já não tão distante assim do estigma “popular” das cantigas medievais, observou-se que Chico Buarque apresenta em várias de suas composições o carnaval, que propicia o riso junto ao sério, o popular junto ao oficial, e o sacro junto ao profano, assim como nas cantigas de escárnio e maldizer da Idade Média. E é com esse tipo de dualidade que são abordados, às

avessas, os “comportamentos ideológicos” tidos como oficiais. Neste caminho, a pesquisa se fundamentou nas teorias desenvolvidas por Antonio Candido, em **O estudo analítico do poema** (2006), e sob a teoria da carnavalização, de Mikhail Bakhtin, a partir de duas obras fundamentais: **Problemas da poética de Dostoievski** (1981) e **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**.

2 METODOLOGIA

Numa antologia buarqueana previamente escolhida, investigou-se a presença da carnavalização nas canções-poema constituintes dessa antologia. incursionando pelas cantigas trovadorescas que indicaram a sátira menipeia

Foram analisadas uma parte das canções buarqueanas das décadas de 1960, 1970 e 1980, como “A Banda”, “Quando o carnaval chegar”, e “Vai passar” entre outras. Buscou-se examinar, neste trabalho, as “letras” das canções mencionadas como um conjunto de versos de um poema, que indicaram caminhos específicos nas relações político-sociais em contextos específicos.

Na coletânea escolhida, alguns textos poéticos buarqueanos sinalizam vestígios “populares” das cantigas medievais, aproximando-se, assim, das cantigas de escárnio e maldizer da Idade Média.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Analisando as canções-poema buarqueanas, evidenciou-se a presença da voz de um eu-lírico, portadora da expressão de protesto e crítica à situação ditatorial estabelecida. Essa alusão ao panorama social e político, das décadas de 1960, 1970 e 1980, por meio de elementos carnavalescos num sentido simbólico da carnavalização, levou-se a reflexões e a melhor compreender o cenário nacional desse período.

Em incursão pelas canções-poema de Chico Buarque, a sátira menipeia e as cantigas trovadorescas foram revisitadas. A sátira menipeia, elemento essencial da carnavalização, fundamentou parte dos estudos desenvolvidos, em relação às cantigas da Idade Média.

Após a análise de alguns textos poéticos que constituíram a antologia elaborada, constatou-se que significativas características textuais se aproximaram de elementos transgressores comuns às cantigas trovadorescas, que, também, pelo seu tom de subversão a um determinado padrão de normas, remetem-nos à teoria da carnavalização. Tanto as cantigas líricas analisadas, como as satíricas, indicaram pistas de uma vida às avessas.

O estudo das canções-poema, quanto à aproximação em relação às cantigas satíricas, conduziu-nos à sátira menipeia e ao grotesco. Com linguagem própria, capaz de indicar a simbologia carnavalesca – o mundo ao reverso – alguns textos poéticos utilizaram-se de imagens ambivalentes ao considerar os desvalidos e os marginais.

Nesse contexto, ao tentar despistar a censura, o compositor-poeta utilizou-se, em algumas canções-poema, de elementos como a paródia, a alegoria e a ironia. Com imagens do carnaval, esses adereços irônicos carnavalizantes foram capazes de transitarem num cenário de repressão, permitindo ao texto um interessante viés de interpretação. Através destes textos-poéticos, Chico Buarque, então, construiu uma voz mensageira de denúncia.

A pesquisa direcionou-nos, também, às cantigas satíricas trovadorescas que entabularam um diálogo com o texto poético, satírico-religioso buarqueano, numa relação de aproximação.

4 CONCLUSÃO

A apresentação carnavalesca de uma vida libertadora a qual Mikhail Bakhtin refere-se em sua teoria da carnavalização, é anunciada em várias fases desse estudo. O carnaval buarqueano, apontado como elemento importante na constituição de uma vida imaginada, indicou a passagem da banda. Numa visão carnavalesca, convidou o povo para sair e ouvir, rompendo assim, as muralhas do silêncio.

As canções-poema, compiladas para o estudo da carnavalização, aproximaram-se, consideravelmente, das manifestações carnavalescas bakhtinianas. Imbuído de um caráter contestador, Chico Buarque conseguiu construir, através de um discurso poético, um mundo às avessas, em contraponto

com o mundo oficial e sério. O compositor-poeta fez uso e abuso do eu-poético, intencionando denunciar e criticar, refletindo, num viés carnalizante, sobre os sentimentos de esperança e alegria, que despontam num futuro libertador.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. 5. ed. São Paulo: Anna Blume, 2002.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

CALADO, Luciana Eleonora de Freitas. Carnavalização no cancionário de Chico Buarque. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). **Chico Buarque do Brasil: textos sobre as canções, o teatro e a ficção de um artista brasileiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 273-284.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

CHICO BUARQUE. **Site oficial de Chico Buarque**. Disponível em: <<http://www.chicobuarque.com.br/>>. Acesso em: 05 fev. 2012.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Eliana Aguiar (Trad.). Rio de Janeiro: Record, 2003.

FONTES, Maria Helena Sansão. **Sem fantasia: masculino-feminino em Chico Buarque**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2003

MACHADO, Irene. O romance na tradição do riso. In: _____. **O romance e a voz: a prosaica dialógica de Bakhtin**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 180-207.

MENEZES, Adélia Bezerra de. **Figuras do feminino na canção de ChicoBuarque**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

**O ENGAJAMENTO LITERÁRIO DE LUIZ RUFFATO:
UMA ANÁLISE DA OBRA ELES ERAM MUITOS CAVALOS.**

SALTARELLI, Denise Pacheco.

Denise Pacheco Saltarelli Mestranda em Letras com ênfase em Literatura Brasileira

RESUMO

O livro **Eles eram muitos cavalos** (2001), do escritor brasileiro Luiz Ruffato, parece fugir dos padrões estabelecidos no que diz respeito à classificação de gênero literário, o que dificulta a sua caracterização como um livro de contos, crônicas ou um livro de romance. O autor traça um emaranhado de informações independentes que parecem não possuir qualquer propósito de continuidade. A compreensão, portanto, não está condicionada à ordem da leitura dos contos, pois nos mesmos são descritos cenários e situações que marcam a heterogeneidade de vários mundos que coexistem em uma mesma cidade de maneira autônoma. O cenário é São Paulo com toda a sua diversidade, paulicéia desvairada, embriagado por conflitos familiares, crítica social, receitas caseiras, orações, horóscopo, anúncios publicitários, tudo complexo como uma **selva de pedra**. Não é um livro fácil de ser compreendido, o leitor deve se entregar ao texto, permite uma leitura do pensamento alheio com muitas vozes que se entrelaçam formando um enredo nem sempre conclusivo. A literatura engajada de Ruffato encontra embasamento na sua postura como escritor, na manifestação da sua consciência, e no reconhecimento do seu papel no mundo. O autor parece trazer consigo um tom de denúncia possivelmente com o propósito de transformar a realidade social que o circunda. A pesquisa pretende justamente entrelaçar a crítica social que está representada por metáforas da literatura engajada de Ruffato com a função do escritor no mundo pós-moderno.

Palavras-chave: Luiz Ruffato. Eles eram muitos cavalos. Engajamento literário. Crítica social.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho pretende analisar o livro **Eles eram muitos cavalos** (2001), de Luiz Ruffato, tomando como base o seu engajamento literário no contexto pós-moderno.

A fim de verificar a crítica social que está por trás da narrativa do autor, partindo do pressuposto teórico baseado nos seguintes autores, Benjamin e Foucault.

Segundo Foucault em sua obra **A ordem do discurso** “existem, ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber o seu sentido ou a sua eficácia de um autor ao qual seriam atribuídos : conversas cotidianas, logo apagadas”.

Contudo, pretende-se encontrar a denúncia social que pode estar por trás da obra que será pesquisada.

2 METODOLOGIA

A pesquisa é exploratória e está sendo realizada por meio da análise de dados presentes na bibliografia consultada.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar da pesquisa estar em estado inicial a pesquisa já tem elementos que permite inferir uma crítica social que pode estar por trás das narrativas de Ruffato com base na discussão presente nas passagens literárias do cotidiano dos paulistas.

4 CONCLUSÃO

Por meio da pesquisa realizada podemos inferir que pode estar Ruffato, através da sua literatura engajada, querendo nos provocar ou nos alertar a respeito do conformismo dos brasileiros que perderam a noção do absurdo dos acontecimentos que os cercam.

Também podemos perceber no texto o caos urbano já incorporado no cotidiano dos paulistanos e sentir a falta de perspectiva dos personagens.

O texto sugere a concepção velada de que é preciso fazer alguma coisa para se quebrar o ciclo de uma sociedade fatigada pelos mesmos dilemas e este pode ser o verdadeiro propósito do autor.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: Magia e técnica Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas I, vol. I. Tradução Sergio Paulo Ruanet Pref Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Brasiliense, São Paulo, 1986.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo: Brasil, 1996.

RUFFATO, Luiz. Eles eram muitos cavalos. São Paulo, Boitempo, 2001.

MEMÓRIAS DE UM LITERATO:
REFLEXÕES DE GILBERTO DE ALENCAR NO ANO DE 1941

FRANCISQUINI, Gina Mara Ribeiro Quintão

RESUMO

Este trabalho pretende apresentar um estudo simplificado sobre os três diários pertencentes a Gilberto de Alencar. Tendo como principal referencial teórico a Crítica Genética, aliada à investigação histórica, através da conciliação de diversos saberes. Serão elencadas as memórias vivenciadas e escritas pelo autor, em um processo de resgate das mesmas, bem como serão apontados os caracteres documentais e literários que esses diários possuem. Observaremos também os aspectos acessório e essencial da narrativa proposta pelo autor, bem como a influência de personalidades históricas por ele mencionados nos registros. Pretende-se, ainda analisar o aspecto híbrido desses diários, uma vez que possuem relatos pessoais e observações de natureza diversa, com a finalidade de reconstruir e compreender o processo de escrita seguido pelo escritor no arquivamento de suas memórias. O contato com os cadernos deixados pelo mesmo nos permitirá penetrar em sua intimidade, trazendo novamente à luz os momentos vivenciados e refletidos por Gilberto.

Palavras-chave: Crítica Genética. Memória. Documento. História. Diários.

ABSTRACT

This work intends to present a simplified study of the three daily log belonging to Gilberto de Alencar. Its main theoretical reference the Genetic Criticism combined with historical research by conciliation diverse knowledge. They will be listed experienced the memories and written by the author in a process of redemption of same, as well as documentary and literary characters who have these diaries will be appointed. Also observe the accessory and essential aspects of the narrative proposed by the author, as well as the influence of historical personalities he mentioned in the records. The aim is also to analyze the hybrid aspect of these journals, as they have personal accounts and notices of various kinds, in order to reconstruct and understand the writing process followed by the writer in the archive

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

your memories. Contacts with the notebooks left by even allow us to penetrate their intimacy, bringing to light again the experienced moments and reflected by Gilberto.

Keywords: Genetic Criticism. Memory. Document. History. Daily logs.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar um estudo simplificado sobre os três diários pertencentes a Gilberto de Alencar. A princípio o presente trabalho abordaria o livro **Itália Intrépida**, também de autoria do escritor, no qual relata o conflito ítalo-etíope. Entretanto, após estudo e observação dos diários Alencarianos, optou-se por labutar com as memórias deixadas pelo escritor.

Gilberto de Alencar nasceu em Minas Gerais no arraial de João Gomes, posteriormente chamado Palmira e, atualmente, Santos Dumont, no dia 1º de dezembro de 1886 e morreu, em Juiz de Fora, em fevereiro de 1961.

O escritor deixou suas memórias em três cadernos, cujas capas são azuis, medem aproximadamente dezessete centímetros de largura, por vinte e quatro centímetros de altura, e suas folhas se encontram amareladas pelo tempo. Cuidadosamente, Alencar numerou todas as páginas, totalizando noventa e seis folhas, dotadas de uma narrativa brilhante, entusiasta e sarcástica. Os documentos foram escritos a mão, pelo autor, que iniciou seu relato em 18 de maio de 1941, terminando-o em dezembro do mesmo ano.

Os diários possuem variantes. Gilberto parece ter introduzido algumas palavras após o desenlace relatado em determinadas datas. Essas variantes serão investigadas. Será observado o porquê da exclusão de uma forma em benefício da outra.

Outro fator de grande importância a ser averiguado é quem foi Lourival Fontes. O autor nos dá algumas pistas quando diz que ele foi “senhor da imprensa e dono dos jornais” (ALENCAR, 1941, p.01). Mas, por que Lourival reinou nas narrativas redigidas por Alencar? Também menciona por diversas vezes Antônio Ferro, cuja identidade não nos é fornecida pelo escritor, bem como o casal Amaral Peixoto, Goés Monteiro, Felinto Muller, D. Darcy, entre outros que serão objeto de pesquisa mais adiante.

Segundo Klee (1990, p.74), “o diário não é uma obra de arte, mas uma obra do tempo”. Pode-se afirmar então que esses documentos guardam o tempo contínuo e

não linear da criação. Ao introduzir nos estudos dos diários Alencarianos essa noção de tempo, passaremos a lidar com a continuidade, que nos levará a um estudo mais apurado que, por sua vez, irá nos conduzir à estética do inacabado.

Desta forma, no decorrer da pesquisa, será observada, com muita cautela, as verdades históricas e literárias que o diário nos revela. Haverá um esforço para tentar desvendar o porquê dos registros. Será que Gilberto de Alencar poderia escrever nos jornais da época as narrativas que encontramos nos cadernos? Qual seria o motivo que o levou a escrever o diário? Por que ele não assinou os cadernos e preferiu o anonimato? Qual a relevância das figuras históricas citadas para o entendimento da narrativa?

2. METODOLOGIA

A investigação sobre os diários Alencarianos encontra-se ainda em fase inicial. Será observado o seu processo de escrita e os documentos de processos encontrados. Como alicerce para esta pesquisa será abordado como teoria principal, a Crítica Genética.

O contato com os manuscritos deixados pelo escritor nos permitirá penetrar na sua intimidade de criação e nos possibilitará assistir ao vivo o show criado por ele.

Para o estudo dos manuscritos de um escritor, o geneticista foca, essencialmente ao conhecimento e análise do texto. É de grande importância que o pesquisador faça algumas observações como: tipo de papel usado pelo escritor, método de escrita, estado em que se encontra o texto e datação da obra. Essas observações podem servir de comparação com outros textos de um mesmo escritor. Como afirma Antônio Candido, este apresenta dois aspectos básicos, sendo eles: acessório e essencial.

O primeiro é a sua realidade material (aspecto, papel, caligrafia, tipo, estado do texto etc), mais a sua história (por quem, como, onde, quando, em que condições foi escrito). É, por assim dizer, o corpo da obra literária e a história deste corpo.

O segundo é a sua realidade íntima e finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humano. É de certo modo, sua alma. (CÂNDIDO, 2005, p.13)

À medida que a obra deve ser situada no tempo e no espaço, essas informações são de grande importância, considerando que toda obra deve ser analisada e observada, a partir do contexto histórico em que foi concebida. O

discurso escrito transcende o espaço e a duração, representa o armazenamento de informações permitindo a comunicação através do tempo e do espaço.

Sendo assim, utilizaremos a transdisciplinaridade, fazendo uso da investigação histórica em consonância com a Crítica Genética, contribuindo para uma análise melhor delineada, através do trânsito por áreas diversas. “[...] Para o efetivo exercício da fixação de textos é sempre necessário um conjunto muito diversificado de conhecimentos, o que obriga o trânsito por diversas áreas do conhecimento”. (CAMBRAIA, 2005, p.22)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da análise física dos diários, observamos a ausência de rasuras, percebendo certa preocupação do autor com a estética do texto, entretanto, percebemos variantes, ora para corrigir ora para esclarecer ou adequar a escrita ao espaço. Tais variantes serão analisadas posteriormente. Quanto aos motivos que levaram o escritor a arquivar suas memórias, observamos a influência do período histórico – Estado Novo – e as situações as quais homens de letras, como Gilberto, estavam submetidos. Há ainda, registros de fatos da vida privada do autor e suas impressões.

Pressupõe-se que ao redigir suas memórias, Alencar tenha como intenção alcançar um futuro leitor, caminhando em consonância com o que nos mostra o autor Phillipe Artières

[...] Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte. (ARTIÈRES, 1998, p.32)

Em resumo, podemos afirmar que há necessidade, portanto, de adotarmos a transdisciplinaridade, sobretudo dando enfoque à Literatura e à História, para que haja melhor compreensão desses cadernos e, conseqüentemente, da vida, obra, memórias e impressões Alencarianas.

4. CONCLUSÃO

Pressupõe-se, então, que os motivos que levaram Alencar a escrever suas memórias nos diários, partiram, sobretudo, da censura imposta pelo Estado Novo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cujo diretor, no período

em questão, foi Lourival Fontes. Como nos mostra o autor ao afirmar ser “[...] mais fácil é lançar ao papel, todas as noites, algumas notas e observações que... levariam, se publicadas, o autor á cadeia” (ALENCAR, 1941, p.01).

Consequentemente, podemos afirmar que Gilberto de Alencar não poderia publicar tais opiniões nos jornais do período, levando-o a convertê-las em memórias em seus diários. O que nos leva a entender que as figuras históricas citadas não só influenciam no entendimento da narrativa, como são essenciais para a compreensão da vida do literato, pois se encontravam intimamente vinculadas às demais personalidades que Alencar apontava como influentes e responsáveis pelo amordaçamento dos jornais e escritores no período.

Entretanto, inicialmente, não nos foi possível identificar os motivos pelos quais o escritor não assinou os cadernos, optando pelo anonimato. Desta forma, espera-se alcançar esta resposta no desenvolvimento da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gilberto. **No reinado de Lourival**: Primeiro caderno. 1941, **36p**.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida. **Estudos Históricos/FGV**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p.09-34.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à crítica textual**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 2005, 216p.

CANDIDO, Antônio. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005, 114p.

SALLES, Cecilia Almeida. **Gesto Inacabado – Processo de Criação Artística**. São Paulo: Fapesp: Annablume, 2004, **168p**.

EPÍSTOLAS ENTRE MÁRIO MATOS E GILBERTO DE ALENCAR:

MÁRIO ESCREVE A GILBERTO ENTRE 1945 E 1957

NOLASCO, Barbara Barros Gonçalves Pereira

RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar e investigar missivas manuscritas emitidas pelo jornalista Mário Gonçalves de Matos (1891-1966) ao escritor e também jornalista Gilberto de Alencar (1886-1961) no período compreendido entre os anos de 1945 e 1957. Essa proposta pertence ao projeto de pesquisa intitulado **O resgate das escrituras**: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para a composição de um dossiê genético-crítico, visando a elaboração de uma edição de fontes a partir da transcrição das 13 cartas contidas no lote do período descrito. Pretende-se fazer uma pesquisa exploratória em revistas e periódicos da época objetivando compreender o contexto literário em que pertenciam os autores apresentados. Faz-se necessária uma pesquisa aprofundada a partir dos elementos contidos nas epístolas para que se possa apresentar resultados acerca da temática apresentada. Como a pesquisa encontra-se em andamento, não se pode concluir com clareza se as epístolas apresentam informações suficientes capazes de preencher lacunas de cunho literário.

Palavras-chave: Mário Matos. Gilberto de Alencar. Missivas.

ABSTRACT

This research aims to examine and investigate handwritten missives issued by journalist Mário Gonçalves de Matos (1891-1966) to the writer and a journalist Gilberto de Alencar (1886-1961) in the period between the years 1945 and 1957. This proposal belongs to project research entitled **O resgate das escrituras**: da correspondência e dos manuscritos de escritores mineiros para a composição de um dossiê genético-crítico, aimed at developing a font editing from the transcript of 13 missives contained in the batch described. In order to understand the literary context in which belonged the authors presented an exploratory research in magazines and periodicals of the time aiming will be done. An in-depth research of the elements contained in the letters is necessary so that we can deliver results on the presented topic. As research is ongoing, so we cannot conclude with certainty whether the epistles have enough information capable of filling literature gaps.

Palavras-chave: Mário Matos. Gilberto de Alencar. missivas.

1 INTRODUÇÃO

No período que compreende os anos de 1945 e 1957 Mário Matos enviou 13 missivas ao seu correspondente Gilberto de Alencar. Tais epístolas possuem importantes informações acerca da época em que os autores se correspondiam, bem como expõem fatos íntimos sobre os literatos: além de desejos, desabafos, opiniões, muitas discussões de viés literário foram realizadas, as quais são de suma importância para a pesquisa realizada. Para que se desenvolva a presente pesquisa, utilizar-se-á a teoria da crítica genética, a qual possibilita a investigação do conteúdo imerso nas epístolas que são fontes para obtenção de registro documental. Ao realizar um trabalho investigativo nas missivas dos signatários, compreende-se o processo de criação de suas obras literárias e, por vezes, é possível encontrar novas informações a respeito delas e, principalmente, dos autores envolvidos, podendo preencher lacunas que a literatura ainda não preencheu.

2 METODOLOGIA

Para que se desenvolva a pesquisa, analisar-se-á elementos contidos nas epístolas com o intuito de compreender de forma aprofundada os temas abordados pelos literatos a fim de realizar a edição anotada. Para atingir este objetivo, faz-se necessária a pesquisa em fontes secundárias sobre correspondência, processo de criação, arquivos pessoais e literários, bem como sobre vida e obra dos signatários Mário Matos e Gilberto de Alencar. A partir da coleta das informações buscadas, far-se-á a transcrição dos manuscritos para, então, produzir as referidas fontes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao decorrer da análise do referido lote das missivas, pode-se perceber recorrentes citações à revista *Alterosa*, à qual Mário era redator-chefe, bem como ao

livro recém-produzido (na época) por Gilberto de Alencar **Memórias sem malícia de Gudesteu Rodovalho**. Pesquisas têm sido realizadas acerca dos conteúdos acima mencionados, além de um aprofundado estudo sobre a biografia dos autores e de outras informações valiosas contidas nas correspondências. A transcrição das cartas analisadas já fora concluída, facilitando o estudo e a busca pelas informações ainda em andamento. Jornais e revistas estão sendo analisados para que sejam encontrados maiores dados sobre o contexto literário e histórico em que estavam inseridos os correspondentes.

4 CONCLUSÃO

Para que se possa concluir se lacunas literárias podem ser preenchidas por meio do conteúdo das missivas, faz-se necessária uma extensiva e abrangente pesquisa dos elementos contidos nelas. Para isso, já se encontra em andamento análise das fontes secundárias, contextos e fatos históricos, bem como da biografia dos autores, para que se possa extrair o máximo possível do que ainda não foi descoberto pela literatura e pela história.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. **Letras da cidade**. Juiz de Fora: Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage, 2002.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/CPDOC. Dicionário da Elite Republicana (1889-1930), verbete: MATOS, Mário Gonçalves de. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/dicionario-primeira-republica/5>>.

MORAES, Marcos Antonio. **Orgulho de jamais aconselhar**: a epistolografia de Mário de Andrade. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.

SANTOS, Matildes Demétrio dos. **Ao sol carta é farol**. A correspondência de Mário de Andrade e outros missivistas. São Paulo: Annablume, 1998.

VASCONCELLOS, Eliane. **Carta missiva**. Remate de Males, Revista do Departamento de Teoria Literária. Campinas (SP), Unicamp, 1998, n. 18, p. 61-70.

**AS VERSÕES DE *NUMA E A NINFA* E O INTERMEDIÁRIO
AVENTURAS DO DR. BOGÓLOFF: palco de exibição literária
do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto**

BARTELS, Mirian

RESUMO

Numa e a ninfa, obra do escritor pré-modernista Afonso Henriques de Lima Barreto, foi publicada em 1915, tendo como alicerces o conto homônimo “Numa e a ninfa” e **Aventuras do Dr. Bogóloff**, publicados em 1911 e 1912, respectivamente. Esta dissertação foi desenvolvida sob distintos olhares, que, entretanto, inter-relacionam-se: o primeiro olhar, fundamento desta pesquisa, volta-se para a teoria da transtextualidade de Gérard Genette: **Numa e a ninfa**, o romance, é hipertexto, enquanto os demais “Numa e a ninfa”, o conto, e **Aventuras do Dr. Bogóloff**, a crônica, são hipotextos. Tanto os textos de partida quanto o texto de chegada permitiram o aproveitamento do contexto sociopolítico do início da República, que tem o caráter de denúncia no palco da exibição literária. Um outro olhar, não menos importante, contemplou a teoria da Nova Crítica, que avalia os elementos da narrativa, confirmando a importância de se pesquisar um texto literário sob a ótica da sua estrutura. Ambas as análises são complementares e expõem a escritura genuína de Lima Barreto nos primórdios do século XX.

Palavras-chave: Lima Barreto. *Numa e a ninfa*. *Aventuras do Dr. Bogóloff*. Transtextualidade. Nova Crítica.

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação procura conhecer, explorar e analisar um recorte na obra do escritor Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), privilegiando uma importante e não tão popular obra **Numa e a ninfa**³ – apresentada em dois textos homônimos: o conto e o romance, publicados em 1911 e 1915, respectivamente.

³ O título da obra é uma referência satírica: Numa Pompílio reinou em Roma no período de 714 a 671 a.C. e recebia, no bosque, os conselhos da ninfa Egéria, que ficou conhecida como uma boa conselheira secreta.

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

Justifica-se a pesquisa de dependência entre os textos, pois, em ambos, há um só enredo: o deputado Numa Pompílio de Castro tem ascensão social e política graças à sua esposa que providencia seus discursos para obter triunfo em sua carreira e continuar no gozo dos privilégios.

Há, porém, a inclusão da obra publicada em 1912, **Aventuras do Dr. Bogóloff** – as aventuras, com fragmentos inteiramente aproveitados e transcritos em **Numa e a ninfa** – o romance.

O objetivo geral é cotejar os textos elencados – o conto, as aventuras e o romance, a fim de se comprovar a transtextualidade divulgada pela teoria de Gérard Genette (1982). Para além da reescritura de Lima Barreto, verifica-se também a composição destes seus textos com a análise dos elementos da narrativa através da teoria da Nova Crítica.

Como característica marcante do escritor pré-modernista, são considerados os três textos supracitados, observando as relações intertextuais apresentadas e o aproveitamento das denúncias no contexto sociopolítico do início da República.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, que busca explorar as referências de estudiosos empenhados em desvendar o universo do escritor, especialmente em relação aos textos: o conto, as aventuras e o romance.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao cotejar os textos “Numa e a ninfa” – o conto e **Numa e a ninfa** – o romance, verifica-se a expansão do texto, ou seja, o conto contém aproximadamente 6 páginas enquanto o romance possui mais de 200 páginas, apresentando, inclusive acréscimos advindos de **Aventuras do Dr. Bogóloff** no romance. Assim, “Numa e a ninfa”, o conto e **Aventuras do Dr. Bogóloff**, as aventuras, são hipotextos do romance **Numa e a ninfa**, o hipertexto.

Outro olhar, complementar à transtextualidade, é a análise textual através da Nova Crítica, que configura os elementos de composição dos textos, ratificando as observações do cenário republicano brasileiro.

Nos três textos analisados, bem como em toda escritura de Lima Barreto, há assuntos recorrentes que são demonstrados em sua literatura de contestação, apropriada ao clima sociopolítico que caracterizou o início do século XX.

Afonso Henriques de Lima Barreto, autor pré-modernista, produziu essencialmente ruptura com a tradição e faz o leitor visualizar o meio social e geográfico das personagens não através da literatura, mas na literatura. Assim, torna-se fascinante observar seu processo criativo e resgate de textos elaborados para publicação em periódicos que circulavam na década de 1910.

4 CONCLUSÃO

Esta pesquisa confirmou a importância das obras barretianas **Numa e a ninfa**, em suas versões conto e romance, **Aventuras do Dr. Bogóloff**, no que concerne à leitura das obras sob os olhares teóricos da transtextualidade e a da teoria da Nova Crítica, proposta desta pesquisa. Tanto os textos de partida quanto o texto de chegada permitiram o aproveitamento do contexto sociopolítico em que se pôde constatar que as denúncias afirmadas no conto foram reafirmadas no texto intermediário (aventuras) e efetivadas no romance. O escritor Afonso Henriques de Lima Barreto se firmou, pois, como contestador e crítico da situação social, política, econômica e cultural de sua época, deixando registrada sua escritura para reflexão do leitor, podendo-se afirmar que sua literatura, inquestionavelmente, provocou ruptura com a tradição.

Tomando-se a premissa de que nenhum texto é definitivo, enquanto vive o autor, Lima Barreto valeu-se da reescrita e rearranjo em função dos temas de sua preferência, com a finalidade de expor ao leitor a sua visão da realidade. Assim, o vislumbrar da obra barretiana permite o olhar descortinador do leitor às interfaces interpretativas que o texto oferece.

Apesar de as obras **Numa e a ninfa**, o conto e o romance, aliado às **Aventuras do Dr. Bogóloff** serem produzidas no século passado, a temática desenvolvida nelas é similar à experienciada na atualidade, pois, à maneira de Numa Pompílio, muitos políticos buscam prestígio, recompensa, favores e triunfos

obscuramente, não se importando com a punição que a maioria acredita não ser aplicável ao seu mandato ou à sua pessoa.

Um palco descortinado está sempre pronto para a ação das personagens. Nas versões de **Numa e a ninfa**, o conto e o romance, apesar de Numa Pompílio de Castro ser reconhecidamente bom de discurso, um transeunte, sem identificação, no hipertexto, o romance, “disse perceptivelmente: O triunfo é dele, mas a glória é dela” (BARRETO, 1989, p. 28). Contemplada a teoria da Nova Crítica, os elementos da narrativa avaliados confirmaram que um desfile de personagens com máscaras ocorreu no palco da exibição literária barretiana. Dessa forma, o título das versões **Numa e a ninfa** (conto e romance) é perfeito quando une Numa e a ninfa, pois seria incompleto, caso faltasse Numa ou a ninfa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto 1881-1922**. 7. ed. São Paulo: Itatiaia & USP, 1988.

_____. Lima Barreto, precursor do romance moderno. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 72-103.

BARRETO, Lima. **Numa e a ninfa**. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

_____. **Aventuras do Dr. Bogóloff**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.

_____. Numa e a ninfa. In: SCHWARCZ, Lília M. (Org.). **Contos completos de Lima Barreto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 294-299.

BEIGUELMAN, Paula. **Por que Lima Barreto**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRAGA, Cibele et al. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

CANDIDO, Antonio. Os olhos, a barca e o espelho. In: _____. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 39-50.

FIGUEIREDO, Maria C. L. Numa e a ninfa. In: _____. **O romance de Lima Barreto e sua recepção**. Belo Horizonte: Lê, 1995. p. 59-67.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

GILENO, Carlos Henrique. Numa e a ninfa: dilemas e impasses da formação da sociedade republicana. **Perspectivas**, n. 26, p. 125-136, jan./jun., São Paulo, 2003.

GUIMARÃES, Luciene. Cinco tipos de transtextualidade, dentre os quais a hipertextualidade. In: BRAGA, Cibele et al. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010. p. 11-19.

LUCAS, Ricardo J. L. Resenha – Genette, Gérard. Paratexts – thresholds of interpretation. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 23, v. 1-2, p. 116-118, jan./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl23Art19.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2011.

MARTHA, Alice A. P. A gênese híbrida de Numa e a ninfa. **Unimar**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 95-102, out. 1988.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2007.

RIBEIRO, João. Numa e a ninfa. In: VASCONCELLOS, Eliane (Org.). **Lima Barreto prosa seleta**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. p. 31-34.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

A HISTÓRIA DE OURO PRETO ENTRE AS TEIAS LITERÁRIAS DE GILBERTO DE ALENCAR E RUI MOURÃO

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz

RESUMO

Este artigo é fruto das reflexões estabelecidas ao longo da construção da dissertação: **“Do intertexto literário, ao diálogo interdisciplinar entre Cidade do sonho e a melancolia, de Gilberto de Alencar, Boca de chafariz, de Rui Mourão, e a História de Ouro Preto”** (ARAÚJO, 2013), apresentando um esboço da pesquisa realizada sob a perspectiva da teoria da intertextualidade, presente nas obras analisadas e finalizada com o cotejo com da história de Ouro Preto que, em 1980, foi intitulada Patrimônio Cultural da Humanidade. Objetiva-se a comparação das obras, escritas em intervalo temporal de 65 anos, identificando pontos de aproximação entre elas e, a partir destes pontos, apresentar ligações com a história supracitada, averiguando a relação intertextual dessas questões destacadas com a referente disciplina. O procedimento metodológico baseia-se na modalidade qualitativa, com suporte de natureza histórica e descritiva do tema, em apoio bibliográfico. As implicações dessa pesquisa resultaram na confirmação da presença do diálogo intertextual nas literaturas examinadas, e destas com os apontamentos históricos, objeto principal desta pesquisa.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. Rui Mourão. Ouro Preto.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo⁴ tem como escopo de pesquisa as obras **Cidade do sonho e da melancolia**, 1971, de Gilberto de Alencar, e **Boca de chafariz**, 1993, de Rui Mourão, que narram as preocupações dos autores com o abandono da antiga Vila

⁴ Reflexões baseadas na dissertação: **“Do intertexto literário, ao diálogo interdisciplinar entre Cidade do sonho e a melancolia, de Gilberto de Alencar, Boca de chafariz, de Rui Mourão, e a História de Ouro Preto”**, (ARAÚJO, 2013).

Resumos expandidos. ANALECTA, v. 1, n.1, Juiz de Fora, nov. 2015.

Rica pela administração governamental, quanto à conservação arquitetônica e de sua memória, entremeadas pela história de Ouro Preto.

O objetivo aponta a inter-relação entre as obras literárias e estas com a história de Ouro Preto. A importância do assunto é justificada por tópicos que compõem a identidade nacional, bem como por Ouro Preto ter sido eleita, em 1980, Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, assinalando a atualidade da pesquisa.

As teorias são fundamentadas além de outros autores: nos estudos de Carvalhal (2006), Paulino, Walty e Cury (1995) e Jenny (1979) quanto à intertextualidade; cujo conceito baseia-se no pressuposto de que não há texto inédito, mas há sempre uma complementação, uma variação, uma apropriação de outros que o antecederam.

Quanto à história de Ouro Preto, a teoria é arraigada nas afirmações dos historiadores Bohrer (2011) e Maia ([1970?]). Relativamente à subjetividade da história, baseia-se em Flávio Chaves (1991) e Georges Duby (1991), que ponderam sobre o fato da história ser escrita por homens, tornando-a subjetiva.

2 METODOLOGIA

A metodologia é realizada por meio de pesquisa bibliográfica e exploratória, empregando informações e análises que envolvem os romances, pois as obras analisadas abordam o mesmo tema e valem-se da mesma teoria literária. Como apoio, é utilizada a historiografia Ouro Pretana.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas obras **Cidade do sonho e da melancolia** (1971) e **Boca de chafariz** (1993) há passagens assinalando a influência do conhecimento advindo do exterior – os ideais da revolução francesa e a *Coleção das Leis Constitutivas dos Estados Unidos da América*. Historicamente, associada à situação em Ouro Preto, de que mesmo diante da exaustão das minas de extração de ouro, a metrópole portuguesa continuava cobrando remessa do metal precioso, penalizando a sociedade com pagamentos através de seus pertences, para que a cota fosse atingida. Destarte,

para ALENCAR (1971, p. 14), Ouro Preto tornou-se: “Berço das ideias liberais no Brasil [...]”, uma vez que “[...] as revoltas contra a pesada tirania da Metrópole, os movimentos incoercíveis pela emancipação, vindo terminar na Inconfidência, um sonho esplêndido de intelectuais transformado em tragédia sangrenta...”.

Mourão (1993, p.120) traz: “[...] A pregação revisionista do padre Antônio Verney, endemoniado agitador que não foi expulso do Reino enquanto era tempo, produziu a insanidade do governo do Marquês de Pombal”. Estes excertos exibem a relação intertextual entre as literaturas que são confirmadas através da história de Ouro Preto, pois o historiador Bohrer (2011, p.26) avaliza: “ideias revolucionárias vinham da França (como a filosofia iluminista) e não paravam de chegar notícias da recente emancipação das Treze Colônias Inglesas da América do Norte”. Assim, os fragmentos apontados da literatura e da história compõem uma tessitura textual.

Outro exemplo que avigora a analogia inter-relacional nos romances, bem como a respectiva relação interdisciplinar é o evento referente à Inconfidência Mineira. Alencar (1971, p. 23-24) cita: “[...] a Conjuração Mineira ficará entre os episódios mais belos e mais altos de nosso passado. E precisamente porque foi um movimento malogrado é que há ainda de ficar”. Mourão (1993, p. 215), entretanto, apresenta meditações a respeito do valor do acontecimento: “A importância da Inconfidência estava na multiplicidade da contribuição que conseguiu reunir”. Deste modo, Alencar (1971) e Mourão (1993) afiançam a Inconfidência e os seus valores.

Maia ([1970?], p. 40) pondera que “Da Conjuração Mineira em diante, continuou Vila Rica o seu destino histórico de cidade-mártir da independência política nacional”. Dilatados são os pontos consensuais entre as duas narrativas, num diálogo constante, demonstrando também a aproximação com os romances.

Um fato que contribui ao entrelaçamento entre **Boca de chafariz** (1993), **Cidade do sonho e da melancolia** (1971) e a história é a mudança da capital para Belo Horizonte. Isso ocorreu em 12 de dezembro de 1897, segundo Bohrer (2011), na administração de Crispim Jacques Bias Fortes⁵. Mourão (1993, p. 51-52) delinea o fato através de referências mais impactantes: “[...] Transferida a capital para o Curral del Rei, produzindo o êxodo [...]. O comércio falido [...], o quase completo despovoamento”.

⁵ Disponível em: <http://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/cidades/BeloHorizonte-MG-Brasil.asp?link=historia> Acesso em 17 out. 2012.

Alencar (1971), menos enfático e mais sentimental, expõe: “[...] lá atrás ficou Ouro Preto, abandonada por não mais ser uma vila rica. O abandono criminoso que sobre ela pesa não é agora. Vem de longe, vem desde quando mudaram de lá a capital” (ALENCAR, 1971, p. 12). Bohrer (2011, p. 38) assegura que, com a mudança da capital para Belo Horizonte, “começava outra fase da velha cidade”. Maia ([1970?], p. 42) delata: “[...] Ouro Preto veria aplicado sobre si o maior golpe que se lhe poderia desfechar”.

Corroborando com o objetivo deste trabalho, Alencar (1971, p. 93) assinala em 1926 – ano da escritura de sua obra – o descaso das autoridades para com em Ouro Preto, antiga Vila Rica, a cidade “[...] maravilhosa que o Brasil abandonou”. Mourão (1993, p. 241) também critica o abandono sofrido por Ouro Preto, mas lhe ressurgiu a esperança diante do advento da notícia do tombamento da cidade pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade, exclamando: “– É a eternidade que já começou. Só teve começo não terá fim”.

O relato histórico de Bohrer (2011, p. 35) afinça que, “em 1897 a capital foi transferida para o antigo Curral del Rei (Belo Horizonte). [...] Houve, é certo, novo declínio, mas, como a lendária fênix, Ouro Preto foi novamente redescoberta e renasceu do ostracismo” (BOHRER, 2011, p. 38), e, em 2011, Ouro Preto completou 300 anos.

Pode-se observar com esses excertos a aproximação entre as ficções e destas com a história de Ouro Preto.

4 CONCLUSÃO

A investigação abalizou relações intertextuais entre as obras **Cidade do sonho e da melancolia** (1971), 2ª edição, de Gilberto de Alencar, e **Boca de chafariz** (1993), 3ª edição, de Rui Mourão. Após o cotejo, identificaram-se analogias entre vários relatos literários com respectivas abordagens históricas da cidade de Ouro Preto.

Foram destacados alguns entrelaçamentos, como: nos eventos que versam sobre a influência dos ideais liberais revolucionários na cidade e o conseqüente despertamento à Inconfidência Mineira; na mudança da capital do estado de Minas Gerais e no descaso das autoridades para com a antiga Vila Rica, de modo abissal.

Confirma-se, então, a hipótese inicial de que temáticas em **Cidade do sonho e da melancolia** e em **Boca de chafariz** transitaram literariamente entre si e estas duas na/com a história de Ouro Preto, ratificando, assim, o conceito de que os textos retomam outros anteriores, independente das disciplinas.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gilberto de. **Cidade do sonho e da melancolia**. 2. ed. Juiz de Fora: Esdeva, 1971.

BOHRER, Alex Fernandes. **Ouro Preto: um novo olhar**. São Paulo: Scortecci, 2011.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CHAVES, Flávio L. **História e literatura**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1991.

DUBY, Georges. O historiador, hoje. IN: Georges Duby et al. (orgs). **História e nova história**. Trad. Carlos da V. Ferreira. Lisboa: Teorema, 1991, p. 7-19.

JENNY, Laurent. A estratégia da forma. In: _____. **Intertextualidade**. Trad. Clara Crabbé Rocha. Coimbra: Almedina, 1979, p. 5-30.

MAIA, A. E. dos Santos. **Vila Rica, uma pequena história**. Belo Horizonte: Ed. Banco de Minas Gerais [1970?]. Meus cadernos de apontamentos. n. 2.

MOURÃO, Rui. **Boca de chafariz**. 3. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades: teoria e prática**. Belo Horizonte: LÊ, 1995.

PAULINO DE OLIVEIRA: O ESCRIBA, O CRONISTA E A CIDADE.
OLIVEIRA, Paulo Roberto Soares de.

RESUMO

Quem seria este mineiro nascido às margens do Rio Pomba na Zona da Mata mineira, próximo a Furtado de Campos, distrito de Rio Novo, nos braços de Dona Berlamina e de **Seu** Joaquim? Quem seria o moleque que aprendera as primeiras letras com Dona Milota e fizera um pacto com o cometa de somente ir embora deste mundo, na sua cauda, quando este regressasse? Este é um menino que se fez rapaz e foi se descobrir aprendiz de tipógrafo, que um dia veio no leito moreno do Paraibuna escrever sobre o bonde, os sobrados, sobre a história de Juiz de Fora, com seus diversos personagens. Esta pesquisa pretende, portanto, a partir da obra **Crônicas: Paulino de Oliveira** (2001), investigar de onde veio tamanha sanha em desvendar os caminhos de Juiz de Fora e transformá-los em memórias registradas em crônicas. Apresenta como proposta (re)descobrir o cronista Paulino de Oliveira e (re)conhecer em suas produções o escritor e o memorialista. Pesquisar a produção de Paulino de Oliveira e o lugar que ele ocupa como ator e seus pares é pesquisar a fronteira sutil que separa a literatura do jornalismo. A teoria que fundamenta esta pesquisa é exploratória, bibliográfica e documental, utilizando, principalmente, os estudos de Antônio Olinto – **Jornalismo e literatura** (1955); Alceu Amoroso Lima – **O jornalismo como gênero literário** (1969); Antonio Candido – **A maioria da crônica** (2014) e Milton Santos – **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal** (2000), no que consiste investigar a relação entre jornalismo, literatura, escriba e escrevente apoiada pelas teorias arquivísticas e de memória.

Palavras-chave: Crônica. Literatura. Jornalismo. Memória. Paulino de Oliveira.

ABSTRACT

Who would be this person, born at Rio Pomba's riverside in Zona da Mata Mineira, next to Furtado de Campos town, Rio Novo's district, in the arms of Dona Berlamina and **Seu** Joaquim? Who would be the child who learnt the first letters with Dona Milota, and who made a pact with a comet of only leaving this world in its tail when the comet returned? This boy made himself a man and discovered

himself as a typographer apprentice, who later, on the brownish river bed of the Paraibuna wrote about trams, old houses, and Juiz de Fora's history and its myriads of characters. This research focused on the book **Chronicles**: Paulino de Oliveira (2001), aims to check out the origins of the deep intent to unravel Juiz de Fora's pathways and make them registered history in chronicles. Moreover this paper proposes to (re)discover the chronicler Paulino de Oliveira and (re)visit in his writings the writer and memoirist which (re)signified each part of the city through observation to describe acts and facts of a beating Juiz de Fora at the turning of the 19th to the 20th Century. At that moment of the city the intellectual life was on the rise and by consequence many newspapers with serialized stories appeared registering the first writings of some who would become renowned literates in the Brazilian scenery. The research of Paulino de Oliveira's production and his place as an author amongst his peers is the same as to research the thin limit of literature and journalism. The theory which is the basis to this research is exploratory, bibliographical and documental, having its pillars on the works of Antônio Olinto, **Jornalismo e literatura [Journalism and Literature]** (1955), Alceu Amoroso Lima, **O jornalismo como gênero literário [Journalism as a Literary Genre]** (1969), Antonio Candido, **A maioria da crônica [The Chronicle in its Adulthood]** (2014), e Milton Santos, **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal [Toward an Other Globalization]** (2000). All these works aim to elaborate a relationship between journalism and literature, as well as scribe and writer, supported by archival theory and theories of memory.

KEYWORDS: Chronicle. Literature. Memory. Paulino de Oliveira.

1 INTRODUÇÃO

Ao buscar o objeto de pesquisa que comporia o desenvolvimento desta Dissertação, o pesquisador foi apresentado a Paulino de Oliveira (1899-1992), um memorialista, cronista, que desenvolveu, durante sua vida, uma função importante na construção literal da história de Juiz de Fora. Enquanto historiador, Paulino escrevera um importante compêndio com a história desta cidade, como veremos adiante. Este mineiro colaborou para a ressignificação e os registros

dos fatos cotidianos nos quais são reconhecidas as características próprias do local e de seus personagens, preservadas pelos moradores, em correspondência com suas memórias e histórias pessoais e coletivas vivenciadas na Urbe.

Paulino de Oliveira foi um desses mineiros que compreenderam que o espaço geográfico e literário de sua escrita não seria somente uma determinante, mas sim uma *ode* aos seus contemporâneos e aos que ainda estariam por vir.

Na obra, **Crônicas: Paulino de Oliveira**, organizada, em 2001, pelos jornalistas Wilson Cid, Margarida Maria de Oliveira e prefaciada pelo Dr. Almir de Oliveira como uma homenagem póstuma, estão descritos alguns destes passos dados pelo escriba, pelas ruas e pelas vidas daqueles que se encontram ou se encontravam nos momentos marcados pela euforia e pela tristeza, numa juiz-forana cidade repleta de memórias.

2 METODOLOGIA

Para esta pesquisa, buscou-se entrelaçar os elos apresentados na formação de uma corrente que não pretende concluir, mas sim contribuir para a inserção do cabedal literário de Paulino de Oliveira no cenário nacional e internacional. Foi realizado um estudo sobre o gênero literário crônica e seu diálogo com o jornalismo, numa análise sobre a forma, como a crônica pode ser apresentada dentro do seu veículo primeiro: o Jornal.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta Dissertação em que se buscou determinar elementos que compõem a literatura, não somente como elementos de apreciação e prazer, mas também uma descrição memorial do espaço e do cotidiano na visão do escritor e de alguns de seus leitores.

Na análise do objeto de estudo desta dissertação: o livro **Crônicas**, Paulino de Oliveira (2001) foram selecionadas algumas crônicas, onde foram narradas a sua história de vida e a construção de uma carreira, regidas pela luta constante para ultrapassar os obstáculos até se tornar o **senhor da memória da cidade de Juiz de Fora**.

4 CONCLUSÃO

Paulino de Oliveira: ser um memorialista, é antes de tudo, reconhecer-se como parte de algo ou de algum lugar. É viver intensamente, na busca de novas evidências e fatos que possam reconstruir, sim, a memória, para então transformá-la em história. É recolher os fragmentos que foram deixados no caminho ainda desconhecido e assim reconstruir os monumentos praças, ruas, casas. É refazer tudo e novamente transformar num lugar de memória.

Ser um escriba, é se entregar por uma causa, é definir que sua intenção é sim levantar uma bandeira e buscar em todos os cantos palavras, orações, verbos que possam se juntar ao seu olhar de experiente desbravador e construir novos textos, agora literários, deste lugar.

Ser um cronista é poder ir além do escriba, é unir o que se vê com o que se ouviu dizer, e fora escrito; para descrever, de novas formas, o que um dia fora aquela cidade ou aquelas pessoas que se fizeram personagens, e então poder publicá-la no jornal, seu espaço primeiro, e depois ser transformada em literatura. E um dia ela será memória. E, a partir dos diversos fragmentos de lembrança e também de esquecimento, não será mais a sua história ou a história de uma rua, de uma cidade. Agora ela será a memória coletiva em que cada um poderá intervir e (re)construí-la, várias e várias vezes.

Ser um jornalista, talvez em primeiro lugar, é preciso vocação, mas também coragem e perseverança, pois encontrar o fato e torná-lo uma matéria, diante, muitas vezes, da ausência de conteúdo, não é só um sortilégio do cronista. É a necessidade do jornalista, principalmente numa cidade do interior em transformação, que ainda guarda o recalque daquela moçoila interiorana, carregada de dogmas e preconceitos.

Mais difícil ainda é escrever com poesia, com prosa literária, e assim se tornar um jornalista literário, que não se prende ao fato principal, para dar oportunidade ao que está à sua margem ou aos **desacontecimentos**, onde a emoção se esconde. Uma outra história.

Paulino de Oliveira, um memorialista, um escriba, um cronista, um jornalista literário. Um juiz-forano que nos deixou não na cauda do cometa, como profetizara, mas nos braços tranquilos de Morfeu; pois o que este pesquisador pode concluir é que esta dissertação é o início de um novo trabalho de conhecimento e apreensão deste literato que ainda tem muito que contar. Oxalá

tenhamos a garra, a coragem e a perseverança de Paulino.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Itálo. AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes (Org.). **Usos & Abusos da história oral**, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CANDIDO, Antonio, **WERNECK**, Humberto (Org.). *A Maioridade da Crônica*. Disponível em: http://www.cultura.mg.gov.br/files/suplemento-literário/especial_cronicas.pdf – acessado em 05 de maio de 2014.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

NORA, Pierre – **Entre memória e história: a problemática dos lugares** – trad. Yara Aun Houry – Projeto História: revista do Programa de estudos pós-graduados em história – PUC/SP, São Paulo, n.10, p. 07-28 -1993. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/851>. Acessada em 17 novembro 2014.

LIMA, Alceu Amoroso, **O jornalismo como gênero literário**. Agir Editora, Rio de Janeiro, 1969.

OLINTO, Antônio. **Jornalismo e literatura**. Coleção Aspectos – Rio de Janeiro: MEC. Serviço de Documentação, 1955.

OLIVEIRA, Paulino. Memórias quase póstumas de um escriba provinciano. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica S.A, 1974.

_____. Crônicas PAULINO DE OLIVEIRA. Belo Horizonte: BDMG, 2001.

ROUSSO, Henry, AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes, (Org.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.